

Samael Aun Weor

# A Grande Rebelião



Editorial Mória

**Samael Aun Weor**

Do original em Espanhol  
"La Gran Rebelion"  
Samael Aun Weor



Editorial Mória  
Rua Anita Garibaldi, 245 - B. Monte Castelo CEP 79.011-220  
(Cx Postal 2081 - CEP 79.008-970)  
Campo Grande – MS  
email: [moria@moria.org.br](mailto:moria@moria.org.br)  
[www.moria.org.br](http://www.moria.org.br)

Camo Grande - MS  
Dezembro/ 2004  
Brasil

# Capítulo I

## A VIDA

Embora pareça incrível, é muito certo e de toda verdade, que esta tão cacarejada civilização moderna é espantosamente feia, não reúne as características transcendentais de sentido estético, está desprovida de beleza interior.

É muito o que presumimos com esses horripilantes edifícios de sempre, que parecem verdadeiras ratoeiras.

O mundo se tornou tremendamente aborrecedor, as mesmas ruas de sempre e as moradias horripilantes em qualquer parte.

Tudo isto se tornou cansativo, no Norte e no Sul, no Leste e no Oeste do Mundo.

É o mesmo uniforme de sempre: horripilante, nauseabundo, estéril. Modernismo! Exclamam as multidões.

Parecemos verdadeiros pavões vaidosos com o traje que carregamos e com os sapatos muito brilhantes, embora por aqui, por lá e acolá circulem milhões de infelizes famintos, desnutridos, miseráveis.

A simplicidade e beleza natural, espontânea, ingênua, desprovida de artifícios e pinturas vaidosas, desapareceu no sexo feminino. Agora somos modernos, assim é a vida.

As pessoas se tornaram espantosamente cruéis: a caridade se resfriou, ninguém mais tem piedade de ninguém.

As vitrines ou aparadores dos luxuosos armazéns resplandecem com luxuosas mercadorias que definitivamente estão fora do alcance dos infelizes.

Só o que podem fazer os párias da vida é contemplar sedas e jóias, perfumes de luxuosos frascos e guarda-chuvas para os aguaceiros; ver sem poder tocar, suplício semelhante ao de Tântalo.

As pessoas destes tempos modernos se tornaram demasiado grosseiras: o perfume da amizade e a fragrância da sinceridade desapareceram

## **Samael Aun Weor**

radicalmente.

Gemem as multidões sobrecarregadas de impostos; todo mundo está envolvido em problemas, devem-nos e devemos; ajuízam-nos e não temos com o que pagar, as preocupações despedaçam cérebros, ninguém vive tranqüilo.

Os burocratas, com a curva da felicidade em seus ventres e um bom charuto na boca, em que psicologicamente se apóiam, brincam de malabarismos políticos com a mente sem lhes importar nem um pouco a dor dos povos.

Ninguém é feliz por estes tempos e menos ainda a classe média; esta se encontra entre a espada e a parede.

Ricos e pobres, crentes e descrentes, comerciantes e mendigos, sapateiros e funileiros, vivem porque têm que viver; afogam em vinho suas torturas e até se convertem em drogados para escapar de si mesmos.

As pessoas se tornaram maliciosas, receosas, desconfiadas, ardilosas, perversas; ninguém mais acredita em ninguém; inventam-se diariamente novas condições, certificados, restrições de todo gênero, documentos, credenciais, etc., e de todas as maneiras nada disso serve, os ardilosos zombam de todas estas tolices: não pagam, esquivam-se da lei, ainda que lhes caiba ir com seus ossos ao cárcere.

Nenhum emprego traz felicidade; o sentido do verdadeiro amor se perdeu e as pessoas se casam hoje e se divorciam amanhã.

A unidade dos lares se perdeu lamentavelmente, a vergonha orgânica já não existe, o lesbianismo e o homossexualismo se tornaram mais comuns que lavar as mãos.

Saber algo sobre tudo isto, tratar de conhecer a causa de tanta podridão, inquirir, procurar, é certamente o que nos propomos neste livro.

Estou falando na linguagem da vida prática, desejoso de saber o que é que se esconde atrás dessa máscara horripilante da existência.

Estou pensando em voz alta e que digam os velhacos do intelecto o que lhes dê vontade.

As teorias já se tornaram cansativas e até se vendem e revendem no

## **A Grande Rebelião**

mercado... Então, o quê?

As teorias só servem para nos acarretar preocupações e nos amargar mais a vida.

Com justa razão disse Goethe: *“Toda teoria é cinza e só é verde a árvore de dourados frutos que é a vida...”*.

As pobres pessoas já se cansaram com tantas teorias, agora se fala muito sobre praticidade; precisamos ser práticos e conhecer realmente as causas de nossos sofrimentos.

## Capítulo II

### A CRUA REALIDADE DOS FATOS

Logo, milhões de habitantes da África, Ásia e América Latina, poderão morrer de fome.

O gás lançado pelos sprays pode acabar radicalmente com o Ozônio da atmosfera terrestre.

Alguns sábios prognosticam que para o ano dois mil se esgotará o subsolo de nosso globo terrestre.

As espécies marítimas estão morrendo devido à contaminação dos mares, isto já está demonstrado.

Inquestionavelmente, na marcha em que vamos, no final deste século todos os habitantes das grandes cidades deverão usar máscaras de oxigênio para defender-se da fumaça.

Se continuar a contaminação em sua forma alarmante atual, em pouco tempo já não será possível comer peixes; estes últimos vivendo em água assim, totalmente contaminada, serão perigosos para a saúde.

Antes do ano dois mil será quase impossível encontrar uma praia onde a gente possa banhar-se com água pura.

Devido ao desmedido consumo, e exploração do solo e do subsolo, logo as terras já não poderão produzir os elementos agrícolas necessários para a alimentação das pessoas.

O “Animal Intelectual”, equivocadamente chamado homem, ao poluir os mares com tanta imundície, envenenar o ar com a fumaça dos carros e de suas fábricas, e destruir a terra com suas explosões atômicas subterrâneas e com o abuso de elementos prejudiciais para a crosta terrestre, é claro que submeteu o Planeta Terra a uma longa e espantosa agonia que indubitavelmente terá de concluir-se com uma Grande Catástrofe.

Difícilmente o mundo poderá cruzar o umbral do ano dois mil, já que o “Animal Intelectual” está destruindo o ambiente natural a mil por hora.

## **A Grande Rebelião**

O “Mamífero Racional”, equivocadamente chamado homem, está empenhado em destruir a Terra, quer fazê-la inabitável, e é óbvio que o está conseguindo.

E quanto aos mares, é visível que estes foram convertidos por todas as nações em uma espécie de ‘Grande Lixeira’.

Setenta por cento de todo o lixo do mundo está indo para todos os mares.

Enormes quantidades de petróleo, inseticidas de toda classe, múltiplas substâncias químicas, gases venenosos, gases neurotóxicos, detergentes, etc., estão aniquilando a todas as espécies viventes do Oceano.

As aves marítimas e o plâncton, tão indispensável para a vida, estão sendo destruídos.

Inquestionavelmente, a aniquilação do plâncton marinho é de uma gravidade incalculável porque este microorganismo produz setenta por cento do oxigênio terrestre.

Mediante a investigação científica se pôde verificar que certas partes do Atlântico e do Pacífico se encontram poluídas com resíduos radioativos, produto das explosões atômicas.

Em distintas metrópoles do mundo e especialmente na Europa, a água doce se bebe, elimina-se, depura-se e logo se bebe novamente.

Nas grandes cidades “supercivilizadas”, a água que se serve às mesas passa pelos organismos humanos muitas vezes.

Na cidade de Cúcuta, República da Colômbia, a qual faz fronteira com a Venezuela, na América do Sul, os habitantes se vêem obrigados a beber as águas negras e imundas do rio que se carrega com todas as porcarias que vêm de Pamplona.

Quero me referir de forma enfática ao rio Pamplonita que tão nefasto tem sido para a “Pérola do Norte” (Cúcuta).

Felizmente, existe agora outro aqueduto que abastece a cidade, sem que por isso se deixe de beber as águas negras do rio Pamplonita.

Enormes filtros, gigantescas máquinas, substâncias químicas, tratam de purificar as águas negras das grandes cidades da Europa, mas as epidemias

## **Samael Aun Weor**

continuam propagando-se com essas águas negras imundas que tantas vezes passaram pelos organismos humanos.

Os famosos bacteriólogos encontraram na água potável das grandes capitais, toda classe de vírus, colibacilos, patógenos, bactérias da tuberculose, tifo, varíola, larvas, etc.

Embora pareça incrível, dentro das mesmas plantas de potabilizadores de água de países Europeus, encontraram-se vírus da vacina da poliomielite.

Além disso, o desperdício de água é espantoso: cientistas modernos afirmam que para o ano de 1990 o humanóide racional morrerá de sede.

O pior de tudo isto é que as reservas subterrâneas de água doce encontram-se em perigo devido aos abusos do Animal Intelectual.

A exploração sem misericórdia dos poços de petróleo continua sendo fatal. O Petróleo que se extrai do interior da terra, atravessa as águas subterrâneas e as polui.

Como consequência disto, o Petróleo tem feito impotáveis as águas subterrâneas da Terra durante mais de um século.

Obviamente, como resultado de tudo isto, morrem os vegetais e até multidões de pessoas.

Falemos agora um pouco sobre o ar que é tão indispensável para a vida das criaturas...

Com cada inspiração e inalação, os pulmões tomam meio litro de ar, ou seja, uns doze metros cúbicos ao dia. Multiplique-se dita quantidade pelos quatro bilhões e quinhentos milhões de habitantes que a Terra possui e então teremos a quantidade exata de oxigênio que diariamente a humanidade inteira consome, sem contar com o que consomem todas as outras criaturas animais que povoam a face da Terra.

A totalidade do Oxigênio que inalamos encontra-se na atmosfera e se deve ao Plâncton, que agora estamos destruindo com a contaminação, e também à atividade fotossintética dos vegetais. Desgraçadamente, as reservas de oxigênio já estão se esgotando.

O Mamífero Racional equivocadamente chamado homem, mediante suas inumeráveis indústrias, está diminuindo de forma contínua a quantidade de radiação solar, tão necessária e indispensável para a fotossíntese, e é por



## **A Grande Rebelião**

isso que a quantidade de Oxigênio que produzem atualmente as plantas é agora muitíssimo menor que no século passado.

O mais grave de toda esta tragédia mundial é que o “Animal Intelectual” continua poluindo os mares, destruindo o Plâncton e acabando com a vegetação.

O “Animal Racional” prossegue destruindo lamentavelmente suas fontes de Oxigênio.

O “smog” que o “Humanóide Racional” está constantemente expulsando ao ar, além de matar, põe em perigo a vida do Planeta Terra.

O “smog” não só está aniquilando as reservas de Oxigênio, mas também, está matando as pessoas.

O “smog” origina estranhas e perigosas enfermidades impossíveis de curar, isto já está demonstrado.

O “smog” impede a entrada da luz solar e dos raios ultravioletas, originando por isso, graves desordens na atmosfera.

Vem uma era de alterações climáticas, glaciações, avanço dos gelos polares para o Equador, ciclones espantosos, terremotos, etc.

Devido não ao uso, mas sim ao abuso da energia elétrica, no ano dois mil haverá mais calor em algumas regiões do Planeta Terra, e isto coadjuvará no processo da Revolução dos Eixos da Terra.

Logo, os pólos ficarão constituídos no Equador da Terra, e este último se converterá em Pólos.

Degelos dos Pólos começaram e um novo Dilúvio Universal precedido pelo fogo se aproxima.

Nos próximos decênios, multiplicar-se-á o “Dióxido de Carbono”, e então este elemento químico formará uma grossa camada na atmosfera da Terra.

Tal filtro ou camada absorverá lamentavelmente a radiação térmica e atuará como uma estufa de fatalidades.

O clima da terra se fará mais quente em muitos lugares e o calor fará fundir o gelo dos Pólos, subindo por tal motivo o nível dos oceanos escandalosamente.

A situação é gravíssima, o solo fértil está desaparecendo e diariamente

## **Samael Aun Weor**

nascem duzentas mil pessoas que necessitam de alimento.

A catástrofe mundial de fome que se avizinha, será certamente pavorosa; isto já está às portas.

Atualmente, estão morrendo quarenta milhões de pessoas anualmente por fome, por falta de comida.

A criminosa industrialização dos bosques e a exploração impiedosa de minas e petróleo estão deixando a Terra convertida em um deserto.

Embora seja certo, que a energia nuclear é mortal para a humanidade, não é menos certo que atualmente existem também “Raios de Morte”, “Bombas Microbianas” e muitos outros elementos terrivelmente destrutivos, malignos, inventados pelos cientistas.

Inquestionavelmente, para conseguir a energia nuclear requer-se grandes quantidades de calor difíceis de controlar e que a qualquer momento podem originar uma catástrofe.

Para obter a energia nuclear, precisa-se de enormes quantidades de minerais radioativos, dos quais só se aproveita trinta por cento; isto faz com que o subsolo terráqueo se esgote rapidamente.

Os desperdícios atômicos que ficam no subsolo resultam espantosamente perigosos. Não existe lugar seguro para os desperdícios atômicos.

Se o gás de um lixeiro atômico chegasse a escapar, embora só fosse uma mínima porção, morreriam milhares de pessoas.

A contaminação de alimentos e águas traz alterações genéticas e monstros humanos: criaturas que nascem deformadas e monstruosas.

Antes do ano 1999 haverá um grave acidente nuclear que causará verdadeiro espanto.

Certamente, a humanidade não sabe viver, degenerou-se espantosamente e francamente se precipitou ao abismo.

O mais grave de toda esta questão é que os fatores de tal desolação, os quais são: fome, guerras, destruição do planeta em que vivemos, etc., estão dentro de nós mesmos, carregamo-los em nosso interior, em nossa psique.

# Capítulo III

## A FELICIDADE

As pessoas trabalham diariamente, lutam por sobreviver, querem existir de algum jeito, mas não são felizes.

Isso de felicidade está em chinês, como se diz por aí. O mais grave é que as pessoas sabem, mas em meio a tantas amarguras, parece que não perdem as esperanças de obter satisfação algum dia, sem saber como nem de que maneira.

Pobre gente! Quanto sofrem! E, contudo, querem viver, temem perder a vida.

Se as pessoas entendessem algo sobre Psicologia Revolucionária, possivelmente até pensariam distinto; mas na verdade nada sabem, querem sobreviver em meio a sua desgraça e isso é tudo.

Existem momentos prazerosos e muito agradáveis, mas isso não é felicidade; as pessoas confundem o prazer com a felicidade. Banquetes, pândegas, bebedeiras, orgias... é prazer bestial, mas não é felicidade... Entretanto existem festinhas sãs, sem bebedeiras, sem bestialidades, sem álcool, etc., mas isso tampouco é felicidade...

És uma pessoa amável? Como te sentes quando danças? Estás enamorado? Amas de verdade? Como te sentes dançando com o ser que adoras? Permitam que me torne um pouco cruel nestes momentos ao lhes dizer que isto tampouco é felicidade.

Se já estás velho, se não te atraem estes prazeres, se lhe tiver sabor de barata, desculpe-me se te disser que serias diferente se estivesses jovem e cheio de ilusões.

De qualquer forma, digam o que disserem, dances ou não dances, namores ou não namores, tenhas ou não isso que se chama dinheiro, tu não és feliz, embora penses o contrário.

## **Samael Aun Weor**

As pessoas passam a vida procurando a felicidade por toda parte e morrem sem havê-la encontrado.

Na América Latina são muitos os que têm esperanças em ganhar algum dia o prêmio gordo da loteria, acreditam que assim vão obter a felicidade; alguns até de verdade o ganham, mais nem por isso obtêm a tão ansiada felicidade.

Quando a pessoa está jovem, sonha com a mulher ideal, alguma princesa das “Mil e Uma Noites”, algo extraordinário; vem depois a crua realidade dos fatos: mulher, menininhos pequenos para cuidar, difíceis problemas econômicos, etc.

Não há dúvida de que a medida que os filhos crescem, os problemas também crescem e até se tornam impossíveis...

Conforme o menino ou a menina vão crescendo, os sapatinhos vão sendo cada vez maiores e o preço também, isso é claro.

Conforme as criaturas crescem, a roupa vai custando cada vez mais e mais caro; havendo dinheiro não há problema nisto, mas se não o há, a coisa é grave e se sofre horivelmente...

Tudo isto seria mais ou menos suportável, se se tivesse uma boa mulher, mas quando o pobre homem é traído, “quando lhe põem os chifres”, de que lhe serve, então, lutar por aí para conseguir dinheiro?

Desgraçadamente, existem casos extraordinários, mulheres maravilhosas, companheiras de verdade tanto na opulência como na desgraça. Mas para cúmulo dos cúmulos então o homem não sabe apreciá-la e até a abandona por outras mulheres que lhe vão amargurar a vida.

Muitas são as donzelas que sonham com um “príncipe azul”, infelizmente, na verdade, as coisas resultam muito diferentes e no terreno dos fatos se casa a pobre mulher com um verdugo...

A maior ilusão de uma mulher é chegar a ter um formoso lar e ser mãe: “Santa predestinação”, porém embora o homem lhe resulte muito bom, coisa por certo muito difícil, ao fim tudo passa: os filhos e as filhas se casam, se vão ou lhe pagam mal a seus pais e o lar conclui definitivamente.

Resultado, neste mundo cruel em que vivemos não existe gente feliz...

## **A Grande Rebelião**

Todos os pobres seres humanos são infelizes.

Na vida conhecemos muitos “burros” carregados de dinheiro, cheios de problemas, pleitos de toda espécie, sobrecarregados de impostos, etc. Não são felizes.

Do que serve ser rico se não se tiver boa saúde? Pobres ricos! Às vezes são mais desgraçados que qualquer mendigo.

Tudo passa nesta vida: passam as coisas, as pessoas, as idéias, etc. Os que tem dinheiro passam e os que não o têm também passam e ninguém conhece a autêntica felicidade.

Muitos querem escapar de si mesmos por meio das drogas ou o álcool, mas na verdade não só não conseguem tal fuga, como também, o que é pior, ficam presos no inferno do vício.

Os amigos do álcool, da maconha ou do “L.S.D.”, etc., desaparecem como por encanto quando o viciado resolve mudar de vida.

Fugindo do “mim mesmo”, do “Eu Mesmo”, não se obtém a felicidade. Interessante seria “agarrar ao touro pelos chifres”, observar ao “Eu”, estudá-lo com o propósito de descobrir as causas da dor.

Quando a pessoa descobre as causas verdadeiras de tantas misérias e amarguras, é óbvio que algo pode fazer...

Se se consegue acabar com o “mim mesmo”, com “Minhas Bebedeiras”, com “Meus Vícios”, com “Meus Afetos”, que ‘tanta dor me causam no coração’, com ‘minhas preocupações que me destroçam os miolos e me adoecem’, etc., etc., é claro que então chega isso que não é do tempo, isso que está além do corpo, dos afetos e da mente, isso que realmente é desconhecido para o entendimento e que se chama: Felicidade!

Inquestionavelmente, enquanto a Consciência continue engarrafada, embutida no “mim mesmo”, no “Eu Mesmo”, de maneira nenhuma poderá conhecer a legítima felicidade.

A felicidade tem um sabor que o “Eu Mesmo”, o “mim mesmo”, jamais conheceu.

# Capítulo IV

## A LIBERDADE

O sentido da Liberdade é algo que ainda não foi entendido pela Humanidade.

Sobre o conceito Liberdade, exposto sempre de forma mais ou menos equivocada, cometeram-se gravíssimos erros.

Certamente, briga-se por uma palavra, chega-se a deduções absurdas, cometem-se atropelos de toda espécie e se derrama sangue nos campos de batalha.

A palavra Liberdade é fascinante, todo mundo gosta, entretanto, não se tem verdadeira compreensão sobre a mesma, existe confusão em relação a esta palavra.

Não é possível encontrar uma dúzia de pessoas que definam a palavra Liberdade da mesma forma e do mesmo modo.

O termo Liberdade, de modo algum seria compreensível para o racionalismo subjetivo.

Cada qual tem idéias diferentes sobre este termo: opiniões subjetivas das pessoas desprovidas de toda realidade objetiva.

Ao tratar-se sobre a questão Liberdade, existe incoerência, imprecisão, incongruência em cada mente.

Estou seguro que nem sequer Dom Emmanuel Kant, o autor da Crítica da Razão Pura, e da Crítica da Razão Prática, jamais analisou esta palavra para lhe dar o sentido exato.

Liberdade, formosa palavra, belo termo: quantos crimes se cometeram em seu nome!

Inquestionavelmente, o termo Liberdade hipnotizou as multidões; as montanhas e os vales, os rios e os mares se tingiram com sangue ao conjuro desta mágica palavra.

Quantas bandeiras, quanto sangue e quantos heróis sucederam-se no

## **A Grande Rebelião**

curso da História, cada vez que sobre o tapete da vida se pôs a questão Liberdade.

Infelizmente, depois de toda independência obtida a tão alto preço, continua dentro de cada pessoa a escravidão.

Quem é livre? Quem obteve a famosa liberdade? Quantos se emanciparam? Ai, ai, ai!

O adolescente deseja liberdade; parece incrível que muitas vezes tendo pão, vestimenta e refúgio, queira fugir da casa paterna em busca de Liberdade.

Resulta incongruente que o juvenzinho que tem tudo em casa, queira evadir-se, fugir, afastar-se de sua morada, fascinado pelo termo Liberdade. É estranho que gozando de toda classe de comodidades no lar ditoso, se queira perder o que se tem, para viajar por essas terras do mundo e submergir-se na dor.

Que o desventurado, o pária da vida, o mendigo, deseje de verdade afastar-se do barracão, da choça, com o propósito de obter algo melhor em troca, resulta correto; mas que o menino de bem, o nenê da mamãe, procure escapatória, fuga, resulta incongruente e até absurdo; porém isto é assim; a palavra Liberdade, fascina, enfeitiça, embora ninguém saiba defini-la de forma precisa.

Que a donzela queira liberdade, que deseje mudar de casa, que deseje casar-se para escapar do lar paterno e viver uma vida melhor, resulta em parte lógico, porque ela tem direito de ser mãe; entretanto, já em vida de esposa, percebe que não é livre, e com resignação tem que seguir carregando as correntes da escravidão.

O empregado, cansado de tantos regulamentos, quer ver-se livre, e se consegue se independizar, encontra-se com o problema de que continua sendo escravo de seus próprios interesses e preocupações.

Certamente, cada vez que se luta pela Liberdade, encontramos defraudados apesar das vitórias.

Tanto sangue derramado inutilmente em nome da Liberdade e no entanto continuamos sendo escravos de nós mesmos e dos outros.

## **Samael Aun Weor**

As pessoas brigam por palavras que nunca entendem, embora os dicionários as expliquem gramaticalmente.

A Liberdade é algo que se tem que conseguir dentro de si mesmo. Ninguém pode obtê-la fora de si mesmo.

Cavalgar pelo ar é uma frase oriental que alegoriza o sentido da genuína Liberdade.

Ninguém poderia na realidade experimentar a Liberdade enquanto sua Consciência continue engarrafada no si mesmo, no mim mesmo.

Compreender este eu mesmo, minha pessoa, o que eu sou, é urgente quando se quer muito sinceramente conseguir a Liberdade.

De modo algum poderíamos destruir os grilhões da escravidão sem ter compreendido previamente toda esta questão minha, tudo isto que corresponde ao eu, ao mim mesmo.

No que consiste a escravidão? O que é isto que nos mantém escravos? Quais são estas travas? Tudo isto é o que precisamos descobrir.

Ricos e pobres, crentes e descrentes, estão todos formalmente presos embora se considerem livres.

Enquanto a Consciência, a essência, o mais digno e decente que temos em nosso interior, continue engarrafada no si mesmo, no mim mesmo, no eu mesmo, em minhas apetências e temores, em meus desejos e paixões, em minhas preocupações e violências, em meus defeitos psicológicos, se estará em prisão formal.

O sentido de Liberdade só pode ser compreendido integralmente quando forem aniquilados os grilhões de nosso próprio cárcere psicológico.

Enquanto o “eu mesmo” exista, a Consciência estará na prisão; evadir-se do cárcere só é possível mediante a Aniquilação Budista, dissolvendo o eu, reduzindo-o à cinzas, à poeira cósmica.

A Consciência livre, desprovida de eu, em ausência absoluta do mim mesmo, sem desejos, sem paixões, sem apetências nem temores, experimenta de forma direta a verdadeira Liberdade.

Qualquer conceito sobre Liberdade não é Liberdade. As opiniões que formemos sobre a Liberdade distam muito de ser a realidade. As idéias que



## **A Grande Rebelião**

forjemos sobre o tema Liberdade, nada têm a ver com a autêntica Liberdade.

A Liberdade é algo que temos que experimentar de forma direta, e isto só é possível morrendo psicologicamente, dissolvendo o eu, acabando para sempre com o mim mesmo.

De nada serviria continuar sonhando com a Liberdade, se de todas as maneiras prosseguimos como escravos.

Mais vale ver-nos a nós mesmos tal qual somos, observar cuidadosamente todos estes grilhões da escravidão que nos mantêm em prisão formal.

Autoconhecendo-nos, vendo o que somos interiormente, descobriremos a porta da autêntica Liberdade.

# Capítulo V

## A LEI DO PÊNDULO

Torna-se interessante ter um relógio de parede em casa, não só para saber as horas, mas também para refletir um pouco.

Sem o pêndulo, o relógio não funciona; o movimento do pêndulo é profundamente significativo.

Nos antigos tempos, o dogma da evolução não existia, então os sábios entendiam o fato de que os processos históricos se desenvolvem sempre de acordo com a Lei do Pêndulo.

Tudo flui e reflui, sobe e desce, cresce e decresce, vai e vem de acordo com esta Lei maravilhosa.

Nada tem de estranho que tudo oscile, que tudo esteja submetido ao vaivém do tempo, que tudo evolucione e involucione.

Em um extremo do pêndulo está a alegria, no outro a dor; todas as nossas emoções, pensamentos, anelos, desejos, oscilam de acordo com a Lei do Pêndulo.

Esperança e desespero, pessimismo e otimismo, paixão e dor, triunfo e fracasso, ganho e perda, correspondem certamente aos dois extremos do movimento pendular.

Surgiu o Egito com todo seu poderio e senhorio à beira do rio sagrado, mas quando o pêndulo se foi ao outro lado, quando se levantou pelo extremo oposto caiu o país dos faraós e se levantou Jerusalém, a cidade querida dos Profetas.

Caiu Israel quando o pêndulo mudou de posição e surgiu no outro extremo o Império Romano.

O movimento pendular levanta e afunda Impérios, faz surgir poderosas Civilizações e logo as destrói, etc.

Podemos colocar no extremo direito do pêndulo as diversas escolas pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas, religiões e seitas.

Podemos colocar no extremo esquerdo do movimento pendular a todas

## **A Grande Rebelião**

as escolas de tipo materialista, marxista, ateu, cético, etc. Antíteses do movimento pendular, cambiantes, sujeitas à permutação incessante.

O fanático religioso, devido a qualquer acontecimento insólito ou decepção, pode ir-se ao outro extremo do pêndulo, converter-se em ateu, materialista, cético.

O fanático materialista, ateu, devido a qualquer fato inusitado, talvez um acontecimento metafísico transcendental, um momento de terror indizível, pode lhe levar ao extremo oposto do movimento pendular e lhe converter em um reacionário religioso insuportável.

Exemplos: Um sacerdote vencido por um esoterista em uma polêmica, desesperado se tornou incrédulo e materialista.

Conhecemos o caso de uma dama atéia e incrédula que devido a um fato metafísico concludente e definitivo, converteu-se em uma expoente magnífica do esoterismo prático.

Em nome da verdade, devemos declarar que o ateu materialista verdadeiro e absoluto é uma farsa, não existe.

Ante a proximidade de uma morte inevitável, ante um instante de indizível terror, os inimigos do eterno, os materialistas e incrédulos, passam instantaneamente ao outro extremo do pêndulo e resultam orando, chorando e clamando com fé infinita e enorme devoção.

Mesmo Karl Marx, autor do Materialismo Dialético, foi um fanático religioso judeu, e depois de sua morte, renderam-lhe pompas fúnebres de grande rabino.

Karl Marx elaborou sua Dialética Materialista com um só propósito: *“Criar uma arma para destruir a todas as religiões do mundo por meio do ceticismo”*.

É o caso típico dos ciúmes religiosos levados ao extremo; de modo algum poderia aceitar Marx a existência de outras religiões e preferiu destruí-las mediante sua Dialética.

Karl Marx cumpriu um dos Protocolos de Sião que diz textualmente: *“Não importa que enchamos o mundo de materialismo e de repugnante ateísmo, o dia em que nós triunfemos, ensinaremos a religião de Moisés devidamente codificada e de forma dialética, e não permitiremos no mundo*

## **Samael Aun Weor**

*nenhuma outra religião”.*

Muito interessante resulta que na União Soviética as religiões sejam perseguidas e ao povo se ensine dialética materialista, enquanto nas sinagogas se estuda o Talmude, a Bíblia e a religião, e trabalham livremente sem problema algum.

Os amos do governo Russo são fanáticos religiosos da Lei de Moisés, mas eles envenenam ao povo com essa farsa do Materialismo Dialético.

Jamais nos pronunciariamos contra o povo do Israel; só estamos declarando contra certa elite de jogo duplo que, perseguindo fins inconfessáveis, envenena ao povo com a Dialética Materialista, enquanto em segredo prática a religião de Moisés.

Materialismo e espiritualismo, com toda sua seqüela de teorias, pré-julgamentos e preconceitos de toda espécie, processam-se na mente de acordo com a Lei do Pêndulo e mudam de moda de acordo com os tempos e os costumes.

Espírito e matéria são dois conceitos muito discutíveis e espinhosos que ninguém entende.

Nada sabe a mente sobre o Espírito, nada sabe sobre a matéria.

Um conceito não é mais que isso, um conceito. A realidade não é um conceito embora a mente possa forjar muitos conceitos sobre a realidade.

O Espírito é o Espírito (o Ser), e só a si mesmo pode conhecer-se.

Escrito está: *“O Ser é o Ser e a razão de ser do Ser é o próprio Ser”.*

Os fanáticos do Deus matéria, os cientistas do Materialismo Dialético são empíricos e absurdos em cem por cento. Falam sobre matéria com uma auto-suficiência deslumbrante e estúpida, quando em realidade nada sabem sobre a mesma.

O que é matéria? Qual destes tolos cientistas o sabe? A tão cacarejada matéria é também um conceito muito discutível e bastante espinhoso.

Qual é a matéria? O algodão? O ferro? A carne? O amido? Uma pedra? O cobre? Uma nuvem ou o quê? Dizer que tudo é matéria séria tão empírico e absurdo como assegurar que todo o organismo humano é um fígado, ou um coração ou um rim. Obviamente, uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, cada órgão é diferente e cada substância é distinta. Então, qual

## **A Grande Rebelião**

de todas estas substâncias é a tão cacarejada matéria?

Com os conceitos do pêndulo muita gente brinca, mas em realidade os conceitos não são a realidade.

A mente somente conhece formas ilusórias da natureza, mas nada sabe sobre a verdade contida em tais formas.

As teorias passam de moda com o tempo e com os anos, e o que alguém aprendeu na escola resulta que depois já não serve; conclusão: ninguém sabe nada.

Os conceitos da extrema direita ou da extrema esquerda do pêndulo passam como as modas das mulheres; todos esses são processos da mente, coisas que acontecem na superfície do entendimento, tolices, vaidades do intelecto.

A qualquer disciplina psicológica se opõe outra disciplina, a qualquer processo psicológico logicamente estruturado, se opõe outro semelhante, e depois de tudo, o quê?

O real, a verdade, é o que nos interessa; mas isto não é questão do Pêndulo, não se encontra entre o vaivém das teorias e crenças.

A verdade é o desconhecido de instante a instante, de momento a momento.

A verdade está no centro do pêndulo, não na extrema direita e tampouco na extrema esquerda.

Quando a Jesus perguntaram: “*O que é a verdade?*”. Guardou um profundo silêncio. E quando ao Buda lhe fizeram a mesma pergunta, deu as costas e se retirou.

A verdade não é questão de opiniões, nem de teorias, nem de preconceitos de extrema direita ou de extrema esquerda.

O conceito que a mente pode forjar sobre a verdade, jamais é a verdade.

A idéia que o entendimento tenha sobre a verdade, nunca é a verdade.

A opinião que tenhamos sobre a verdade, por muito respeitável que seja, de modo algum é a verdade.

Nem as correntes espiritualistas nem seus oponentes materialistas, podem nos conduzir jamais à verdade.

A verdade é algo que deve ser experimentada de forma direta, como

## **Samael Aun Weor**

quando a gente coloca o dedo no fogo e se queima, ou como quando alguém engole água e se afoga.

O centro do pêndulo está dentro de nós mesmos, e é ali onde devemos descobrir e experimentar de forma direta o real, a verdade.

Necessitamos nos auto-explorar diretamente para autodescobrir-nos e conhecer profundamente a nós mesmos.

A experiência da verdade só chega quando eliminamos os elementos indesejáveis que em seu conjunto constituem o mim mesmo.

Só eliminando o erro vem a verdade. Só desintegrando o “Eu mesmo”, meus erros, meus preconceitos e temores, minhas paixões e desejos, crenças e fofocações, envaidecimentos intelectuais e auto-suficiências de toda espécie, chega a nós a experiência do real.

A verdade nada tem a ver com o que se tenha dito ou deixado de dizer, com o que se tenha escrito ou deixado de escrever, ela somente chega a nós quando o “mim mesmo” morreu.

A mente não pode procurar a verdade porque não a conhece. A mente não pode reconhecer a verdade porque jamais a conheceu. A verdade chega a nós de forma espontânea quando eliminamos todos os elementos indesejáveis que constituem o “mim mesmo”, o “eu mesmo”.

Enquanto a Consciência continue engarrafada no eu mesmo, não poderá experimentar isso que é o real, isso que está além do corpo, dos afetos e da mente, isso que é a verdade.

Quando o mim mesmo fica reduzido à poeira cósmica, a Consciência se libera para despertar definitivamente e experimentar de forma direta a verdade.

Com justa razão disse o Grande Kabir Jesus: *“Conhececi a Verdade e ela vos fará livres”*.

De que serve ao homem conhecer cinquenta mil teorias se jamais experimentou a Verdade?

O sistema intelectual de qualquer homem é muito respeitável, mas a qualquer sistema se opõe outro e nem um nem outro são a verdade.

Mais vale auto-explorar-nos para autoconhecer-nos e experimentar um dia de forma direta, o real, a Verdade.

## Capítulo VI

# CONCEITO E REALIDADE

Quem ou o que pode garantir que o conceito e a realidade resultem absolutamente iguais?

O conceito é uma coisa e a realidade é outra e existe uma tendência a superestimar nossos próprios conceitos.

Realidade igual a conceito é algo quase impossível; entretanto, a mente hipnotizada por seu próprio conceito supõe sempre que este e realidade são iguais.

A um processo psicológico qualquer corretamente estruturado mediante uma lógica exata se opõe outro diferente rigorosamente formado com lógica similar ou superior; e daí?

Duas mentes severamente disciplinadas dentro de férreas estruturas intelectuais discutindo entre si, polemizando sobre tal ou qual realidade acreditam cada uma na exatidão de seu próprio conceito e na falsidade do conceito alheio, mas qual delas tem a razão? Quem poderia honestamente dar garantia em um ou outro caso? Em qual deles conceito e realidade resultam iguais?

Inquestionavelmente, cada cabeça é um mundo e em todos e em cada um de nós existe uma espécie de dogmatismo pontifício e ditatorial que quer nos fazer acreditar na igualdade absoluta de conceito e realidade.

Por muito fortes que sejam as estruturas de um raciocínio nada pode garantir a igualdade absoluta de conceitos e realidade.

Aqueles que estão autoconfinados dentro de qualquer procedimento lógico intelectual, querem fazer sempre coincidir a realidade dos fenômenos com os elaborados conceitos e isto não é mais que o resultado da alucinação raciocinativa.

Abrir-se ao novo é a difícil faculdade do clássico pensar; desgraçadamente as pessoas querem descobrir, ver em todo fenômeno natural seus próprios

pré-julgamentos, conceitos, preconceitos, opiniões e teorias; ninguém sabe ser receptivo, ver o novo com mente limpa e espontânea.

Que os fenômenos falassem ao sábio seria o indicado; infelizmente, os sábios destes tempos não sabem ver os fenômenos, só querem ver nos mesmos a confirmação de todos os seus preconceitos.

Embora pareça incrível os cientistas modernos nada sabem sobre os fenômenos naturais.

Quando vemos nos fenômenos da natureza exclusivamente nossos próprios conceitos, certamente não estamos vendo os fenômenos, mas sim os conceitos.

Porém, os tolos cientistas alucinados por seu fascinante intelecto, acreditam de forma estúpida que cada um de seus conceitos é absolutamente igual a tal ou qual fenômeno observado, quando a realidade é diferente.

Não negamos que nossas afirmações sejam rechaçadas por todo aquele que esteja autoconfinado por tal ou qual procedimento logístico; inquestionavelmente, a condição pontifícia e dogmática do intelecto de modo algum poderia aceitar que a tal ou qual conceito corretamente elaborado, não coincida exatamente com a realidade.

Tão logo a mente, através dos sentidos, observe tal ou qual fenômeno, apressa-se imediatamente a rotulá-lo com tal ou qual termo cientificista que inquestionavelmente só vem servir como emplastro para ocultar a própria ignorância.

A mente não sabe realmente ser receptiva ao novo, mas sabe inventar complicadíssimos termos com os quais pretende qualificar de forma auto-enganosa o que certamente ignora.

Falando desta vez em sentido Socrático, diremos que a mente não somente ignora, mas, além disso, ignora que ignora.

A mente moderna é terrivelmente superficial, especializou-se em inventar termos difícilíssimos para ocultar sua própria ignorância.

Existem duas classes de ciência: a primeira não é mais que essa podridão de teorias subjetivas que abundam por aí. A segunda é a ciência pura dos grandes iluminados, a ciência objetiva do Ser.



## **A Grande Rebelião**

Indubitavelmente, não seria possível penetrar no anfiteatro da ciência cósmica, se antes não morremos em nós mesmos.

Precisamos desintegrar todos esses elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior e que em seu conjunto constituem o si mesmo, o Eu da Psicologia.

Enquanto a Consciência superlativa do Ser continue engarrafada no mim mesmo, entre nossos próprios conceitos e teorias subjetivas, resulta absolutamente impossível conhecer diretamente a crua realidade dos fenômenos naturais em si mesmos.

A chave do laboratório da natureza a tem em sua mão direita o Anjo da Morte.

Muito pouco podemos aprender do fenômeno do nascimento, mas da morte poderemos aprender tudo.

O templo inviolado da ciência pura se encontra no fundo da negra sepultura. Se o germe não morre a planta não nasce. Só com a morte chega o novo.

Quando o Ego morre, a Consciência desperta para ver a realidade de todos os fenômenos da natureza tal qual são em si mesmos e por si mesmos.

A Consciência sabe o que diretamente experimenta por si mesma, o cru realismo da vida além do corpo, dos afetos e da mente.

## Capítulo VII

# A DIALÉTICA DA CONSCIÊNCIA

No trabalho esotérico relacionado com a eliminação dos elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior, surge às vezes o tédio, o cansaço e o aborrecimento.

Inquestionavelmente, precisamos voltar sempre ao ponto de partida original e revalorizar os fundamentos do trabalho psicológico, se é que de verdade desejamos uma mudança radical.

Amar o trabalho esotérico é indispensável quando de verdade se quer uma transformação interior completa.

Enquanto não amemos o trabalho psicológico que conduz à mudança, a reavaliação de princípios resulta em algo mais que impossível.

Seria absurdo supor que pudéssemos nos interessar pelo trabalho, se na realidade não chegamos a amá-lo.

Isto significa que o amor é inadiável quando em uma e outra vez tratamos de revalorizar fundamentos do trabalho psicológico.

Urge acima de tudo saber o que é isso que se chama Consciência, pois são muitas as pessoas que nunca se interessaram por saber nada sobre a mesma.

Qualquer pessoa comum e corrente jamais ignoraria que um boxeador, ao cair nocauteado sobre o ringue, perde a Consciência.

É claro que ao voltar a si, o desventurado pugilista adquire novamente a Consciência.

Seqüencialmente, qualquer um compreende que existe uma clara diferença entre a personalidade e a Consciência.

Ao vir ao mundo, todos temos na existência três por cento de Consciência e noventa e sete por cento repartível entre subconsciência, infraconsciência e inconsciência.

Os três por cento de Consciência desperta podem ser ampliados à

## **A Grande Rebelião**

medida que trabalhemos sobre nós mesmos.

Não é possível acrescentar Consciência mediante procedimentos exclusivamente físicos ou mecânicos.

Indubitavelmente, a Consciência somente pode despertar à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

Existem vários tipos de energia dentro de nós mesmos, devemos compreender: Primeiro – Energia mecânica. Segundo – Energia vital. Terceiro – Energia psíquica. Quarto – Energia mental. Quinto – Energia da vontade. Sexto – Energia da Consciência. Sétimo – Energia do Espírito Puro.

Por muito que multiplicássemos a energia estritamente mecânica, jamais conseguiríamos despertar Consciência.

Por muito que incrementássemos as forças vitais dentro de nosso organismo, nunca chegaríamos a despertar Consciência.

Muitos processos psicológicos se realizam dentro de nós mesmos, sem que por isso intervenha para nada a Consciência.

Por muito grandes que sejam as disciplinas da mente, a energia mental não obterá nunca despertar os diversos funcionalismos da Consciência.

A força da vontade, embora fosse multiplicada até o infinito, não consegue despertar Consciência.

Todos estes tipos de energia se graduam em distintos níveis e dimensões que nada têm a ver com a Consciência

A Consciência só pode ser despertada mediante trabalhos conscientes e retos esforços.

A pequena porcentagem de Consciência que a humanidade possui, em vez de ser incrementada, costuma ser desperdiçada inutilmente na vida.

É óbvio que ao identificar-nos com todos os processos de nossa existência, desperdiçamos inutilmente a energia da Consciência.

Nós deveríamos ver a vida como um filme sem nos identificar jamais com nenhuma comédia, drama ou tragédia, assim economizaríamos energia conscientiva.

A Consciência, em si mesma, é um tipo de energia com elevadíssima

## **Samael Aun Weor**

freqüência vibratória.

Não se deve confundir a Consciência com a memória, pois são tão diferentes uma da outra, como o é a luz dos faróis do automóvel com relação à estrada por onde se vai.

Muitos atos se realizam dentro de nós mesmos, sem participação alguma disso que se chama Consciência.

Em nosso organismo acontecem muitos ajustes e reajustes, sem que por isso a Consciência participe dos mesmos.

O centro motor de nosso corpo pode dirigir um automóvel ou dirigir os dedos que tocam no teclado de um piano sem a mais insignificante participação da Consciência.

A Consciência é a luz que o inconsciente não percebe.

O cego tampouco percebe a luz física solar, mas ela existe por si mesma.

Precisamos nos abrir para que a luz da Consciência penetre nas trevas espantosas do mim mesmo, do si mesmo.

Agora compreenderemos melhor o significado das palavras de João, quando no Evangelho diz: *“A luz veio às trevas, mas as trevas não a compreenderam”*.

Mas seria impossível que a luz da Consciência pudesse penetrar nas trevas do eu mesmo, se previamente não usássemos o sentido maravilhoso da auto-observação psicológica.

Precisamos franquear a passagem da luz para iluminar as profundidades tenebrosas do Eu da Psicologia.

Alguém jamais se auto-observaria se não tivesse interesse em mudar; tal interesse só é possível quando se ama de verdade os ensinamentos esotéricos.

Agora nossos leitores compreenderão o motivo pelo qual aconselhamos a revalorizar uma e outra vez as instruções concernentes ao trabalho sobre si mesmo.

A Consciência desperta permite-nos experimentar de forma direta a realidade.

Infelizmente, o animal intelectual equivocadamente chamado homem,

## **A Grande Rebelião**

fascinado pelo poder formulativo da lógica dialética, esqueceu a Dialética da Consciência.

Inquestionavelmente, o poder para formular conceitos lógicos resulta no fundo terrivelmente pobre.

Da tese podemos passar à antítese e mediante a discussão chegar à síntese, mas esta última em si mesmo continua sendo um conceito intelectual que de modo algum pode coincidir com a realidade.

A Dialética da Consciência é mais direta, permite-nos experimentar a realidade de qualquer fenômeno em si mesmo.

Os fenômenos naturais de modo algum coincidem exatamente com os conceitos formulados pela mente.

A vida se desenvolve de instante em instante e quando a capturamos para analisá-la, a matamos.

Quando tentamos inferir conceitos ao observar tal ou qual fenômeno natural, de fato deixamos de perceber a realidade do fenômeno e só vemos no mesmo o reflexo das teorias e conceitos rançosos que de modo algum têm a ver em nada com o fato observado.

A alucinação intelectual é fascinante e queremos, à força, que todos os fenômenos da natureza coincidam com nossa lógica dialética.

A Dialética da Consciência se fundamenta nas experiências vividas e não no mero racionalismo subjetivo.

Todas as leis da natureza existem dentro de nós mesmos e se em nosso interior não as descobrimos, jamais as descobriremos fora de nós mesmos.

O homem está contido no Universo e o Universo está contido no homem.

Real é aquilo que alguém experimenta em seu interior, só a Consciência pode experimentar a realidade.

A linguagem da Consciência é simbólica, íntima, profundamente significativa e só os despertos a podem compreender.

Quem queira despertar Consciência deve eliminar de seu interior todos os elementos indesejáveis que constituem o Ego, o Eu, o mim mesmo, dentro dos quais se encontra engarrafada a essência.

# Capítulo VIII

## O JARGÃO CIENTIFICISTA

A lógica dialética está ainda condicionada e qualificada pelas preposições “em” e “sobre”, as quais jamais nos levam à experiência direta do real.

Os fenômenos da natureza distam muito de ser como os cientistas os vêem.

Certamente, tão logo um fenômeno qualquer é descoberto, imediatamente é qualificado ou rotulado com tal ou qual terminologia difícil do jargão científico.

Obviamente, esses difícilíssimos termos do cientificismo moderno só servem de remendo para ocultar a ignorância.

Os fenômenos naturais de modo algum são como os cientistas os vêem.

A vida com todos os seus processos e fenômenos se desenvolve de momento a momento, de instante em instante, e quando a mente científicista a detém para analisá-la, de fato a mata.

Qualquer inferência extraída de um fenômeno natural qualquer, de maneira nenhuma é igual à realidade concreta do fenômeno, desgraçadamente a mente do cientista, alucinada por suas próprias teorias crê firmemente no realismo de suas inferências.

O intelecto alucinado não somente vê nos fenômenos o reflexo de seus próprios conceitos, como também, além disso, o que é pior, quer de forma ditatorial fazer com que os fenômenos resultem exatos e absolutamente iguais a todos esses conceitos que se levam no intelecto.

O fenômeno da alucinação intelectual é fascinante, nenhum desses tolos cientistas ultramodernos admitiria a realidade de sua própria alucinação.

Certamente, os sabichões destes tempos de modo algum admitiriam que se os qualificasse de alucinados.

A força da auto-sugestão lhes tem feito acreditar na realidade de todos esses conceitos do jargão científicista.

## **A Grande Rebelião**

Obviamente, a mente alucinada se presume onisciente e de forma ditatorial quer que todos os processos da natureza marchem pelos trilhos de suas sabichonices.

Nem bem apareceu um fenômeno novo, se classifica, se rotula e o põe em tal ou qual lugar, como se na verdade tivesse sido compreendido.

São milhares os termos que se inventaram para rotular fenômenos, mas nada sabem os pseudo-sapientes sobre a realidade daqueles.

Como exemplo vivo de tudo o que neste capítulo estamos afirmando, citaremos o corpo humano.

Em nome da verdade podemos afirmar de forma enfática que este corpo físico é absolutamente desconhecido para os cientistas modernos.

Uma afirmação desta classe poderia parecer como muito insolente para os pontífices do cientificismo moderno, inquestionavelmente merecemos deles a excomunhão.

Entretanto, temos bases muito sólidas para fazer tão tremenda afirmação; desgraçadamente as mentes alucinadas estão convencidas de sua pseudo-sapiência, que nem remotamente poderiam aceitar o cru realismo de sua ignorância.

Se disséssemos aos dignitários do cientificismo moderno que o Conde Cagliostro, interessantíssimo personagem dos séculos XVI, XVII, XVIII ainda vive em pleno século XX; se lhes disséssemos que o insigne Paracelso, insigne facultativo da idade média, ainda existe, podem estar seguros de que os líderes do cientificismo atual ririam de nós e jamais aceitariam nossas afirmações.

Entretanto é assim: Vivem atualmente sobre a face da terra os autênticos mutantes, homens imortais com corpos que datam de milhares e de milhões de anos atrás.

O autor desta obra conhece os mutantes, porém não ignora o ceticismo moderno, a alucinação dos cientistas e o estado de ignorância dos sabichões.

Por tudo isto, de modo algum cairíamos na ilusão de acreditar que os fanáticos do jargão científico aceitassem a realidade de nossas insólitas declarações.

## **Samael Aun Weor**

O corpo de qualquer mutante é um franco desafio ao jargão científico destes tempos.

O corpo de qualquer mutante pode mudar de figura e retornar logo a seu estado normal sem receber dano algum.

O corpo de qualquer mutante pode penetrar instantaneamente na quarta vertical e até assumir qualquer forma vegetal ou animal e retornar posteriormente a seu estado normal sem receber prejuízo algum.

O corpo de qualquer mutante desafia violentamente a velhos textos de Anatomia oficial.

Desgraçadamente, nenhuma destas declarações poderia vencer aos alucinados do jargão cientificista.

Esses senhores, sentados sobre seus tronos pontifícios, inquestionavelmente nos olharão com desdém, talvez com ira, e possivelmente até com um pouco de piedade.

Porém, a verdade é o que é, e a realidade dos mutantes é um franco desafio a toda teoria ultramoderna.

O autor da obra conhece os mutantes, mas não espera que ninguém acredite.

Cada órgão do corpo humano está controlado por leis e forças que nem remotamente conhecem os alucinados do jargão cientificista.

Os elementos da natureza são em si mesmos desconhecidos para a ciência oficial; as melhores fórmulas químicas estão incompletas:  $H_2O$ , dois átomos de Hidrogênio e um de Oxigênio, para formar água, resulta algo empírico.

Se tratarmos de juntar em um laboratório o átomo de Oxigênio com os dois de Hidrogênio, não resulta em água nem em nada, porque esta fórmula está incompleta, falta-lhe o elemento fogo. Somente com este mencionado elemento poderia criar-se água.

A intelecção, por muito brilhante que pareça, não pode nos conduzir jamais à experiência do real.

A classificação de substâncias e as terminologias difíceis com as quais se rotula às mesmas, só servem como emplastro para ocultar a ignorância.



## **A Grande Rebelião**

Isso de o intelecto querer que tal ou qual substância possua determinado nome e características, resulta algo absurdo e insuportável.

Por que o intelecto se presume onisciente? Por que se alucina acreditando que as substâncias e fenômenos são como ele acredita que são? Por que a inteligência quer que a natureza seja uma réplica perfeita de todas as suas teorias, conceitos, opiniões, dogmas e preconceitos?

Na realidade os fenômenos naturais não são como se acredita que são, e as substâncias e forças da natureza de maneira nenhuma são como o intelecto pensa que são.

A Consciência desperta não é a mente, nem a memória, nem semelhante. Somente a Consciência liberada pode experimentar por si mesma e de forma direta a realidade da vida livre em seu movimento.

Porém devemos afirmar de forma enfática que enquanto exista dentro de nós mesmos qualquer elemento subjetivo, a Consciência continuará engarrafada entre tal elemento e, por conseguinte não poderá gozar da iluminação contínua e perfeita.

# Capítulo IX

## O ANTICRISTO

O faiscante intelectualismo como funcionalismo manifesto do Eu psicológico, indubitavelmente é o Anticristo.

Aqueles que supõem que o Anticristo é um personagem estranho nascido em tal ou qual lugar da terra ou vindo deste ou daquele país, estão certamente completamente equivocados.

Temos dito de forma enfática que o Anticristo não é de modo algum um sujeito definido, mas sim todos os sujeitos.

Obviamente, o Anticristo radica no fundo de cada pessoa e se expressa de forma múltipla.

O intelecto posto a serviço do Espírito resulta útil; o intelecto divorciado do Espírito torna-se inútil.

Do intelectualismo sem espiritualidade surgem os velhacos, viva manifestação do Anticristo.

Obviamente, o velhaco em si mesmo e por si mesmo é o Anticristo. Desgraçadamente, o mundo atual, com todas as suas tragédias e misérias, está governado pelo Anticristo.

O estado caótico em que se encontra a humanidade atual indubitavelmente se deve ao Anticristo.

O iníquo de que falava Paulo de Tarso em suas epístolas é certamente um cru realismo destes tempos.

O iníquo já veio e se manifesta em qualquer parte, certamente tem o dom da ubiqüidade.

Discute nos cafés, faz negociações na ONU, senta-se comodamente em Genebra, realiza experimentos de laboratório, inventa bombas atômicas, foguetes teleguiados, gases asfixiantes, bombas bacteriológicas, etc., etc., etc.

Fascinado o Anticristo com seu próprio intelectualismo, exclusividade absoluta dos sabichões, acredita que conhece todos os fenômenos da natureza.

## **A Grande Rebelião**

O Anticristo crendo-se a si mesmo onisciente, engarrafado entre toda a podridão de suas teorias, rechaça de imediato tudo aquilo que se pareça a Deus ou que o adore.

A auto-suficiência do Anticristo, o orgulho e a soberba que possui, é algo insuportável.

O Anticristo odeia mortalmente as virtudes cristãs da fé, da paciência e da humildade.

Todo joelho se dobra diante do Anticristo. Obviamente, este inventou aviões ultra-sônicos, barcos maravilhosos, flamejantes automóveis, remédios surpreendentes, etc.

Nestas condições, quem poderia duvidar do Anticristo? Quem se atreva nestes tempos a pronunciar-se contra todos estes milagres e prodígios do filho da perdição, condena-se a si mesmo à zombaria de seus semelhantes, ao sarcasmo, à ironia, ao qualificativo de estúpido e ignorante.

Custa trabalho fazer entender isto às pessoas sérias e estudiosas, estas em si mesmas reagem, opõem resistência.

É claro que o animal intelectual equivocadamente chamado homem é um robô programado com jardim de infância, primário, secundário, preparatório, universidade, etc.

Ninguém pode negar que um robô programado funciona de acordo com o programa, de maneira nenhuma poderia funcionar se lhe tirassem o programa.

O Anticristo elaborou o programa com o qual se programam os robôs humanóides destes tempos decadentes.

Fazer estas elucidações, pôr ênfase no que estou dizendo, resulta espantosamente difícil por estar fora do programa. Nenhum robô humanóide poderia admitir coisas que estão fora do programa.

É tão grave esta questão e tão tremendos os enfrascamentos da mente, que de modo algum, um robô humanóide qualquer suspeitaria, nem remotamente, que o programa não serve, pois ele foi arrumado de acordo com o programa, e duvidar do mesmo lhe pareceria uma heresia, algo incongruente e absurdo.

Que um robô duvide de seu programa é um despropósito, algo

## **Samael Aun Weor**

absolutamente impossível, pois sua mesmíssima existência se deve ao programa.

Desgraçadamente, as coisas não são como pensa o robô humanóide; existe outra ciência, outra sabedoria, inaceitável para o robô humanóide.

Reage o robô humanóide e tem razão em reagir, pois não foi programado para outra ciência nem para outra cultura, nem para nada diferente a seu mencionado programa.

O Anticristo elaborou os programas do robô humanóide; o robô se prosterna humilde diante de seu amo. Como poderia duvidar o robô da sapiência de seu amo?

Nasce a criança inocente e pura; a essência expressando-se em cada criatura é preciosa em grande maneira.

Inquestionavelmente, a natureza deposita nos cérebros dos recém-nascidos todos esses dados selvagens, naturais, silvestres, cósmicos, espontâneos, indispensáveis para a captura ou apreensão das verdades contidas em qualquer fenômeno natural perceptível para os sentidos.

Isto significa que a criança recém-nascida poderia por si mesma descobrir a realidade de cada fenômeno natural. Desgraçadamente, interfere o programa do Anticristo e as maravilhosas qualidades que a natureza depositou no cérebro do recém-nascido logo ficam destruídas.

O Anticristo proíbe pensar de forma diferente; toda criatura que nasce, por ordem do Anticristo deve ser programada.

Não há dúvida de que o Anticristo odeia mortalmente aquele precioso sentido do Ser, conhecido como “faculdade de percepção instintiva das verdades cósmicas”.

Ciência pura, distinta de toda a podridão de teorias universitárias que existem por aqui, por lá e acolá, é algo inadmissível para os robôs do Anticristo.

Muita guerra, fome e enfermidades propagou o Anticristo em toda a redondeza da terra e não há dúvida de que seguirá as propagando antes que chegue a catástrofe final.

Infelizmente, chegou a hora da grande apostasia anunciada por todos os profetas e nenhum ser humano se atreveria a pronunciar-se contra o Anticristo.

# Capítulo X

## O EU PSICOLÓGICO

Esta questão do mim mesmo, o que eu sou, isso que pensa, sente e atua, é algo que devemos auto-explorar para conhecer profundamente.

Existem por toda parte teorias muito lindas que atraem e fascinam; porém de nada serviria tudo isso se não nos conhecêssemos a nós mesmos.

É fascinante estudar astronomia ou distrair-se um pouco lendo obras sérias, entretanto resulta irônico converter-se em um erudito e não saber nada sobre si mesmo, sobre o eu sou, sobre a humana personalidade que possuímos.

Cada um é bastante livre para pensar o que quiser e a razão subjetiva do animal intelectual equivocadamente chamado homem dá para tudo. O mesmo pode fazer de uma pulga um cavalo e de um cavalo uma pulga; são muitos os intelectuais que vivem jogando com o racionalismo; e depois de tudo, o quê?

Ser erudito não significa ser sábio. Os ignorantes ilustrados abundam como a má erva e não somente não sabem, como também, além disso, nem sequer sabem que não sabem.

Entenda-se por ignorantes ilustrados os sabichões que acreditam que sabem e nem sequer conhecem a si mesmos.

Poderíamos teorizar belamente sobre o eu da Psicologia, mas não é isso precisamente o que nos interessa neste capítulo.

Precisamos conhecer a nós mesmos por via direta, sem o processo deprimente da opção.

De modo algum isto seria possível se não nos auto-observássemos em ação de instante em instante, de momento em momento.

Não se trata de nos ver através de alguma teoria ou de uma simples especulação intelectual.

## **Samael Aun Weor**

Ver-nos diretamente tal qual somos é o interessante; só assim poderemos chegar ao conhecimento verdadeiro de si mesmos.

Embora pareça incrível, nós estamos equivocados com respeito a nós mesmos.

Muitas coisas que acreditamos não ter, as temos, e muitas que acreditamos ter, não as temos.

Temos formado falsos conceitos sobre nós mesmos e devemos fazer um inventário para saber o que nos sobra e o que nos falta.

Supomos que temos tais ou quais qualidades que em realidade não temos e muitas virtudes que possuímos certamente as ignoramos.

Somos gente adormecida, inconsciente e isso é o grave. Infelizmente, pensamos de nós mesmos o melhor e nem sequer suspeitamos que estamos adormecidos.

As sagradas escrituras insistem na necessidade de despertar, mas não explicam o sistema para obter esse despertar.

O pior do caso é que são muitos os que têm lido as sagradas escrituras e nem sequer entendem que estão adormecidos.

Todo mundo acredita que se conhece a si mesmo e nem remotamente suspeita que existe a “Doutrina dos Muitos”.

Realmente, o eu psicológico de cada um é múltiplo, aparece sempre como muitos.

Com isto queremos dizer que temos muitos eus e não um só como supõem sempre os ignorantes ilustrados.

Negar a Doutrina dos Muitos é fazer-se tolo a si mesmo, pois de fato seria o cúmulo dos cúmulos ignorar as contradições íntimas que cada um de nós possuímos.

‘Vou ler um jornal’, diz o eu do intelecto; ‘ao diabo com tal leitura’, exclama o eu do movimento, ‘prefiro dar um passeio de bicicleta’. ‘Que passeio, que nada’, grita um terceiro em discórdia, ‘prefiro comer, tenho fome’.

Se pudéssemos nos ver em um espelho de corpo inteiro, tal qual somos, descobriríamos por nós mesmos de forma direta a Doutrina dos Muitos.

## **A Grande Rebelião**

A humana personalidade é tão somente uma marionete controlada por fios invisíveis.

O eu que hoje jura amor eterno pela Gnosis, é mais tarde substituído por outro eu que em nada tem a ver com o juramento; então o sujeito se retira.

O eu que hoje jura amor eterno a uma mulher é mais tarde substituído por outro que em nada tem a ver com esse juramento, então o sujeito se enamora de outra e o castelo de cartas vai ao chão.

O animal intelectual equivocadamente chamado homem é como uma casa cheia de muita gente.

Não existe ordem nem concordância alguma entre os múltiplos eus, todos eles brigam entre si e disputam a supremacia. Quando algum deles consegue o controle dos centros capitais da máquina orgânica, sente-se o único, o amo, porém ao fim é deposto.

Considerando as coisas desde este ponto de vista, chegamos à conclusão lógica de que o mamífero intelectual não tem verdadeiro sentido de responsabilidade moral.

Inquestionavelmente, o que a máquina diga ou faça em um momento dado, depende exclusivamente do tipo de eu que nesses instantes a controle.

Dizem que Jesus de Nazaré tirou do corpo de Maria Madalena sete demônios, sete eus, viva personificação dos sete pecados capitais.

Obviamente, cada um destes sete demônios é cabeça de legião, por conseguinte devemos afirmar como corolário que o Cristo Íntimo pode expulsar do corpo de Madalena milhares de eus.

Refletindo sobre todas estas coisas podemos inferir claramente que o único digno que nós possuímos em nosso interior é a Essência. Infelizmente, a mesma se encontra enfrascada entre todos esses múltiplos eus da Psicologia Revolucionária.

É lamentável que a essência se processe sempre em virtude de seu próprio engarrafamento.

Inquestionavelmente, a essência ou Consciência, que é o mesmo, dorme profundamente.

# Capítulo XI

## AS TREVAS

Um dos problemas mais difíceis de nossa época deve ser certamente o complicado labirinto das teorias.

Indubitavelmente, por estes tempos se multiplicaram de forma exorbitante por aqui, por lá e acolá as escolas pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas.

O comércio de Almas, de livros e teorias é pavoroso. Raro é aquele que, entre o emaranhado de tantas idéias contraditórias, consiga na verdade encontrar o caminho secreto.

O mais grave de tudo isto é a fascinação intelectual; existe a tendência a nutrir-se estritamente de forma intelectual com tudo o que chega à mente.

Os vagabundos do intelecto já não se contentam com toda essa livraria subjetiva e de tipo geral que abunda nos mercados de livros. Agora, para o cúmulo dos cúmulos, também estão se empanturrando indigestamente com o pseudo-esoterismo e pseudo-ocultismo barato que abunda por toda parte como a má erva.

O resultado de todos estes jargões é a confusão e desorientação manifesta dos velhacos do intelecto.

Constantemente recebo cartas e livros de toda espécie; os remetentes, como sempre, me interrogando sobre esta ou aquela escola, sobre tal ou qual livro; eu me limito a responder o seguinte: deixe você a ociosidade mental; você não tem porquê se importar com a vida alheia, desintegre o eu animal da curiosidade; a você não devem importar as escolas alheias, torne-se sério, conheça-se a si mesmo, estude-se a si mesmo, observe-se a si mesmo, etc., etc., etc.

Realmente, o importante é conhecer a si mesmo profundamente em todos os níveis da mente.

As trevas são a inconsciência; a luz é a Consciência; devemos permitir



## **A Grande Rebelião**

que a luz penetre em nossas trevas; obviamente, a luz tem poder para vencer as trevas.

Desgraçadamente, as pessoas se encontram autoconfinadas dentro do ambiente fétido e imundo de sua própria mente, adorando a seu querido Ego.

As pessoas não querem perceber que não são donos de sua própria vida. Certamente, cada pessoa está controlada de dentro por muitas outras pessoas. Quero me referir de forma enfática a toda essa multiplicidade de eus que levamos dentro.

Evidentemente, cada um desses eus põe em nossa mente o que devemos pensar, em nossa boca o que devemos dizer, no coração o que devemos sentir, etc.

Nestas condições, a humana personalidade não é mais que um robô governado por distintas pessoas que disputam a supremacia e que aspiram ao supremo controle dos centros capitais da máquina orgânica.

Em nome da verdade temos de afirmar solenemente que o pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem embora se creia muito equilibrado vive em um desequilíbrio psicológico completo.

O mamífero intelectual de modo algum é unilateral; se o fosse seria equilibrado.

O animal intelectual é desgraçadamente multilateral e isso está demonstrado até a saciedade.

Como poderia ser equilibrado o humanóide racional? Para que exista equilíbrio perfeito se necessita da Consciência desperta.

Somente a luz da Consciência dirigida não a partir dos ângulos, senão de forma plena, central sobre nós mesmos, pode acabar com os contrastes, com as contradições psicológicas e estabelecer em nós o verdadeiro equilíbrio interior.

Se dissolvermos todo esse conjunto de eus que em nosso interior levamos, vem o despertar da Consciência e como seqüência ou corolário o equilíbrio verdadeiro de nossa própria psique.

Infelizmente, as pessoas não querem perceber a inconsciência em que

## **Samael Aun Weor**

vivem; dormem profundamente.

Se as pessoas estivessem despertas, cada um sentiria a seus próximos em si mesmos.

Se as pessoas estivessem despertas, nossos próximos nos sentiriam em seu interior.

Então obviamente as guerras não existiriam e a terra inteira seria na verdade um paraíso.

A luz da Consciência, nos dando verdadeiro equilíbrio psicológico, vem estabelecer cada coisa em seu lugar, e o que antes entrava em conflito íntimo conosco, de fato fica em seu lugar adequado.

É tal a inconsciência das multidões que nem sequer são capazes de encontrar a relação existente entre luz e Consciência.

Inquestionavelmente, luz e Consciência são dois aspectos do mesmo; onde há luz, há Consciência.

A inconsciência é trevas e estas últimas existem em nosso interior.

Só mediante a auto-observação psicológica permitimos que a luz penetre em nossas próprias trevas.

“A luz veio às trevas, porém as trevas não a compreenderam”.

# Capítulo XII

## AS TRÊS MENTES

Existem por toda parte muitos velhacos do intelecto sem orientação positiva e envenenados pelo asqueroso ceticismo.

Certamente, o repugnante veneno do ceticismo contagiou as mentes humanas de forma alarmante a partir do século XVIII.

Antes daquele século, a famosa ilha Nontrabada ou Encubierta, situada frente ao litoral da Espanha, se fazia visível e tangível constantemente.

Não há dúvida de que tal ilha se encontra localizada dentro da quarta vertical. Muitas são as narrações relacionadas com essa ilha misteriosa.

Depois do século XVIII, a citada ilha se perdeu na eternidade; ninguém sabe nada sobre a mesma.

Nas épocas do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda, os elementais da natureza se manifestavam por toda parte, penetrando profundamente dentro de nossa atmosfera física.

São muitos os relatos sobre duendes, gênios e fadas que ainda abundam na verde Erim, Irlanda; infelizmente, todas estas coisas inocentes, toda esta beleza da Alma do mundo, já não é percebida pela humanidade devido as sabichonices dos velhacos do intelecto e ao desenvolvimento desmesurado do Ego animal.

Hoje em dia, os sabichões riem de todas estas coisas, não as aceitam embora no fundo nem remotamente tenham obtido a felicidade.

Se as pessoas entendessem que temos três mentes, outro galo cantaria. Possivelmente até se interessariam mais por estes estudos.

Desgraçadamente, os ignorantes ilustrados, metidos no enredo de suas difíceis erudições, nem sequer têm tempo para ocupar-se de nossos estudos seriamente.

Essas pobres pessoas são auto-suficientes, encontram-se envaidecidas

## **Samael Aun Weor**

com o vão intelectualismo. Pensam que vão pelo caminho reto e nem remotamente supõem que se encontram metidas em um beco sem saída.

Em nome da verdade devemos dizer que, em síntese, temos três mentes.

A primeira podemos e devemos chamar de Mente Sensual. À segunda, batizaremos com o nome de Mente Intermediária. A terceira a chamaremos de Mente Interior.

Vamos agora estudar cada uma destas três Mentes separadamente e de forma judiciosa.

Inquestionavelmente, a Mente Sensual elabora seus conceitos de conteúdo mediante as percepções sensoriais externas.

Nestas condições, a Mente Sensual é terrivelmente grosseira e materialista, não pode aceitar nada que não tenha sido demonstrado fisicamente.

Como os conceitos de conteúdo da Mente Sensual têm por fundamento os dados sensoriais externos, indubitavelmente nada pode saber sobre o real, sobre a verdade, sobre os mistérios da vida e da morte, sobre a Alma e o Espírito, etc.

Para os velhacos do intelecto, envolvidos totalmente pelos sentidos externos e engarrafados entre os conceitos de conteúdo da mente sensual, nossos estudos esotéricos lhes parecem loucura.

Dentro da razão do sem razão, no mundo do desatinado, eles têm razão devido a que estão condicionados pelo mundo sensorial externo. Como poderia a Mente Sensual aceitar algo que não seja sensual?

Se os dados dos sentidos servem de mola secreta para todos os funcionalismos da Mente Sensual, é óbvio que estes últimos têm que originar conceitos sensuais.

Mente Intermediária é diferente, entretanto, tampouco nada sabe de forma direta sobre o real, limita-se a acreditar e isso é tudo.

Na Mente Intermediária estão as crenças religiosas, os dogmas inquebrantáveis, etc.

Mente Interior é fundamental para a experiência direta da verdade.

Indubitavelmente, a Mente Interior elabora seus conceitos de conteúdo com os dados fornecidos pela Consciência superlativa do Ser.

## **A Grande Rebelião**

Inquestionavelmente, a Consciência pode vivenciar e experimentar o real. Não há dúvida de que a Consciência sabe de verdade.

Entretanto, para sua manifestação, a Consciência necessita de um mediador, de um instrumento de ação e este em si mesmo é a Mente Interior.

A Consciência conhece diretamente a realidade de cada fenômeno natural e mediante a Mente Interior pode manifestá-la.

Abrir a Mente Interior seria o indicado a fim de sair do mundo das dúvidas e da ignorância.

Isto significa que somente abrindo a Mente Interior nasce a fé autêntica no ser humano.

Vista, esta questão, desde outro ângulo, diremos que o ceticismo materialista é a característica peculiar da ignorância. Não há dúvida de que os ignorantes ilustrados resultam cem por cento céticos.

A fé é percepção direta do real, sabedoria fundamental, vivência disso que está além do corpo, dos afetos e da mente.

Distinga-se entre fé e crença. As crenças se encontram depositadas na Mente Intermediária; a fé é característica da Mente Interior.

Infelizmente, existe sempre a tendência geral em confundir a crença com a fé. Embora pareça paradoxal enfatizaremos o seguinte: *“Quem tem fé verdadeira não precisa crer”*.

É que a fé autêntica é sapiência vívida, cognição exata, experiência direta.

Acontece que durante muitos séculos se confundiu a fé com a crença e agora custa muito trabalho fazer as pessoas compreenderem que a fé é sabedoria verdadeira e nunca vãs crenças.

Os funcionalismos sapientes da mente interior têm como molas íntimas todos esses dados formidáveis da sabedoria contida na Consciência.

Quem abriu a Mente Interior recorda suas vidas anteriores, conhece os mistérios da vida e da morte, não pelo que tenha lido ou deixado de ler, não pelo que outro tenha dito ou deixado de dizer, não pelo que se tenha acreditado ou deixado de crer, mas sim por experiência direta, vívida, terrivelmente real.

Isto que estamos dizendo não agrada à mente sensual, não pode aceitá-

lo porque sai de seus domínios, nada tem a ver com as percepções sensoriais externas, é algo alheio a seus conceitos de conteúdo, ao que lhe ensinaram na escola, ao que aprendeu em distintos livros, etc., etc., etc.

Isto que estamos dizendo tampouco é aceito pela Mente Intermediária, porque de fato contraria suas crenças, desvirtua o que seus preceptores religiosos lhe fizeram aprender de memória, etc.

Jesus, o Grande Kabir, adverte a seus discípulos dizendo-lhes: *“Cuidai-vos da levedura dos saduceus e da levedura dos fariseus”*.

É visível que Jesus, o Cristo, com esta advertência se referiu às doutrinas dos materialistas saduceus e dos hipócritas fariseus.

A doutrina dos saduceus está na Mente Sensual, é a doutrina dos cinco sentidos.

A doutrina dos fariseus se encontra localizada na Mente Intermediária, isto é irrefutável, irrefutável.

É evidente que os fariseus assistem a seus ritos para que se diga deles que são boas pessoas, para aparentar ante os demais, mas nunca trabalham sobre si mesmos.

Não seria possível abrir a Mente Interior se não aprendêssemos a pensar psicologicamente.

Inquestionavelmente, quando alguém começa a observar-se a si mesmo é sinal de que começou a pensar psicologicamente.

Enquanto não se admite a realidade de sua própria psicologia e a possibilidade de mudá-la fundamentalmente, indubitavelmente não se sente a necessidade da auto-observação psicológica.

Quando se aceita a Doutrina dos Muitos e compreende a necessidade de eliminar os distintos eus que carrega em sua psique com o propósito de liberar a Consciência, a essência, indubitavelmente, de fato e por direito próprio, inicia-se a auto-observação psicológica.

Obviamente, a eliminação dos elementos indesejáveis, que em nossa psique carregamos, origina a abertura da Mente Interior.

Tudo isto significa que a citada abertura é algo que se realiza de forma gradativa, à medida que vamos aniquilando elementos indesejáveis que

## **A Grande Rebelião**

levamos em nossa psique.

Quem tenha eliminado os elementos indesejáveis em seu interior em cem por cento, obviamente também terá aberto sua mente interior em cem por cento.

Uma pessoa assim possuirá a fé absoluta. Agora compreenderéis as palavras do Cristo quando disse: *“Se tivésseis fé como um grão de mostarda moveríeis montanhas”*.

# Capítulo XIII

## MEMÓRIA-TRABALHO

Inquestionavelmente, cada pessoa tem sua própria psicologia particular, isto é irrefutável, incontrovertível, irrefutável.

Infelizmente, as pessoas nunca pensam nisto e muitos nem o aceitam devido a que se encontram aprisionados na mente sensorial.

Qualquer pessoa admite a realidade do corpo físico porque o pode ver e apalpar, porém a Psicologia é uma questão distinta; não é perceptível para os cinco sentidos e, por isso, a tendência geral é rechaçá-la ou, simplesmente, subestimá-la e depreciá-la, qualificando-a como algo sem importância.

Indubitavelmente, quando alguém começa a auto-observar-se é sinal inequívoco de que aceitou a tremenda realidade de sua própria psicologia.

É claro que ninguém tentaria auto-observar-se se não encontrasse antes um motivo fundamental.

Obviamente, quem inicia a auto-observação se converte em um sujeito muito diferente dos demais, de fato indica a possibilidade de uma mudança.

Infelizmente, as pessoas não querem mudar; contentam-se com o estado em que vivem.

Causa dor ver como as pessoas nascem, crescem, reproduzem-se como bestas, sofrem o indizível e morrem sem saber porquê.

Mudar é algo fundamental, mas isso é impossível se não se inicia a auto-observação psicológica.

É necessário começar a ver-se a si mesmo com o propósito de autoconhecer-nos, pois na verdade o humanóide racional não conhece a si mesmo.

Quando descobrimos um defeito psicológico, de fato damos um grande passo, porque isto nos permitirá estudá-lo e até eliminá-lo radicalmente.

Na verdade, nossos defeitos psicológicos são inumeráveis, embora



## **A Grande Rebelião**

tivéssemos mil línguas para falar e paladar de aço não alcançaríamos enumerá-los a todos cabalmente.

O grave de tudo isto é que não sabemos medir o espantoso realismo de qualquer defeito; sempre o vemos de forma vã, sem pôr a devida atenção nele; vêmo-lo como algo sem importância.

Quando aceitamos a Doutrina dos Muitos e entendemos o cru realismo dos sete demônios que Jesus, o Cristo, tirou do corpo de Maria Madalena, evidentemente nosso modo de pensar com respeito aos defeitos psicológicos sofre uma mudança fundamental.

Não é demais afirmar, de forma enfática, que a Doutrina dos Muitos é de origem tibetana e gnóstica em cem por cento.

Na verdade, não é nada agradável saber que dentro de nossa pessoa vivem centenas e milhares de pessoas psicológicas.

Cada defeito psicológico é uma pessoa diferente existindo dentro de nós mesmos aqui e agora.

Os sete demônios que o Grande Mestre Jesus, o Cristo, arrojou do corpo de Maria Madalena são os sete pecados capitais: Ira, Cobiça, Luxúria, Inveja, Orgulho, Preguiça, Gula.

Naturalmente, cada um destes demônios, separadamente, é cabeça de legião.

No velho Egito dos Faraós, o Iniciado devia eliminar de sua natureza interior os Demônios Vermelhos de Seth se quisesse obter o despertar da Consciência.

Visto o realismo dos defeitos psicológicos, o aspirante deseja mudar, não quer continuar no estado em que vive, com tanta gente metida dentro de sua psique, e então inicia a auto-observação.

À medida que nós progredimos no trabalho interior, podemos verificar por nós mesmos um ordenamento muito interessante no sistema de eliminação.

Assombramo-nos quando descobrimos ordem no trabalho relacionado com a eliminação dos múltiplos agregados psíquicos que personificam a nossos erros.

## **Samael Aun Weor**

O interessante de tudo isto é que tal ordem na eliminação de defeitos se realiza de forma gradativa e se processa de acordo com a Dialética da Consciência.

Jamais poderia a dialética raciocinativa superar o formidável trabalho da Dialética da Consciência.

Os fatos vão nos demonstrando que o ordenamento psicológico no trabalho de eliminação de defeitos é estabelecido por nosso próprio ser interior profundo.

Devemos esclarecer que existe uma diferença radical entre o Ego e o Ser. O Eu jamais poderia estabelecer ordem em questões psicológicas, pois em si mesmo é o resultado da desordem.

Somente o Ser tem poder para estabelecer a ordem em nossa psique. O Ser é o Ser. A razão de ser do Ser é o próprio Ser.

O ordenamento no trabalho de auto-observação, julgamento e eliminação de nossos agregados psíquicos, vai sendo evidenciado pelo sentido judicioso da auto-observação psicológica.

Em todos os seres humanos se encontra o sentido da auto-observação psicológica em estado latente, mas se desenvolve, de forma gradativa, à medida que o vamos usando.

Tal sentido nos permite perceber diretamente e não mediante simples associações intelectuais, os diversos eus que vivem dentro de nossa psique.

Esta questão das percepções extra-sensoriais começa a ser estudada no terreno da Parapsicologia, e de fato foi demonstrada em múltiplos experimentos que se realizaram judiciosamente através do tempo e sobre os quais existe muita documentação.

Aqueles que negam a realidade das percepções extra-sensoriais são ignorantes em cem por cento, velhacos do intelecto, engarrafados na mente sensual.

Entretanto, o sentido da auto-observação psicológica é algo mais profundo, vai muito além dos simples enunciados parapsicológicos; permite-nos a auto-observação íntima e a plena verificação do tremendo realismo subjetivo de nossos diversos agregados.

## **A Grande Rebelião**

O ordenamento sucessivo das diversas partes do trabalho relacionadas com este tema tão grave da eliminação de agregados psíquicos permite-nos inferir uma “memória-trabalho” muito interessante e até muito útil na questão do desenvolvimento interior.

Esta memória-trabalho, embora seja certo que pode nos dar distintas fotografias psicológicas das diversas etapas da vida passada, reunidas em sua totalidade, trariam a nossa imaginação uma estampa viva e até repugnante do que fomos antes de iniciar o trabalho psicotransformista radical.

Não há dúvida de que jamais desejaríamos retornar a essa horrorosa figura, viva representação do que fomos.

Desde este ponto, tal fotografia psicológica resultaria útil como meio de confrontação entre um presente transformado e um passado regressivo, rançoso, torpe e desgraçado.

A memória-trabalho se escreve sempre a base de sucessivos eventos psicológicos registrados pelo centro de auto-observação psicológica.

Existem em nossa psique elementos indesejáveis que nem remotamente suspeitamos.

Que um homem honrado, incapaz de pegar jamais nada alheio, honorável e digno de toda honra, descubra, de forma insólita, uma série de eus ladrões habitando nas zonas mais profundas de sua própria psique, é algo espantoso, mas não impossível.

Que uma magnífica esposa, cheia de grandes virtudes, ou uma donzela de deliciosa espiritualidade e educação magnífica, mediante o sentido da auto-observação psicológica, descubra, de forma inusitada, que em sua psique íntima vive um grupo de eus prostitutas, resulta nauseabundo e até inaceitável para o centro intelectual ou o sentido moral de qualquer cidadão judicioso, mas tudo isso é possível dentro do terreno exato da auto-observação psicológica.

## Capítulo XIV

# COMPREENSÃO CRIADORA

O Ser e o Saber devem equilibrar-se mutuamente a fim de estabelecer em nossa psique a labareda da compreensão.

Quando o Saber é maior que o Ser, origina-se confusão intelectual de toda espécie.

Se o Ser for maior que o Saber pode produzir casos tão graves como o do santo estúpido.

No terreno da vida prática convém auto-observar-nos com o propósito de autodescobrir-nos.

É precisamente a vida prática o ginásio psicológico mediante o qual podemos descobrir nossos defeitos.

Em estado de alerta percepção, alerta novidade, poderemos verificar diretamente que os defeitos escondidos afloram espontaneamente.

É claro que defeito descoberto deve ser trabalhado conscientemente com o propósito de separá-lo de nossa psique.

Acima de tudo não devemos nos identificar com nenhum eu-defeito, se é que, na realidade, desejamos eliminá-lo.

Se, parados sobre uma tábua, desejamos levantá-la para colocá-la encostada a uma parede, isso não seria possível se continuássemos parados sobre ela.

Obviamente, devemos começar por separar à tábua de nós mesmos, retirando-nos da mesma, e logo, com nossas mãos, levantarmos a tábua e colocá-la encostada ao muro.

Similarmente, não devemos nos identificar com nenhum agregado psíquico, se é que, na verdade, desejamos separá-lo de nossa psique.

Quando nos identificamos com tal ou qual eu, de fato o fortificamos em vez de desintegrá-lo.

Suponhamos que um eu qualquer de luxúria se apropria dos cilindros que temos no centro intelectual para projetar na tela da mente cenas de lascívia e morbosidade sexual; se nos identificamos com tais quadros

## **A Grande Rebelião**

passionais, indubitavelmente aquele eu luxurioso se fortificará tremendamente.

Mas se nós, ao invés de nos identificar com essa entidade, separamo-la de nossa psique, considerando-a como um demônio intruso, obviamente terá surgido em nossa intimidade a compreensão criadora.

Posteriormente, poderíamos dar-nos ao luxo de ajuizar analiticamente a tal agregado, com o propósito de nos fazer plenamente conscientes do mesmo.

O grave das pessoas consiste precisamente na identificação, e isso é lamentável.

Se as pessoas conhecessem a Doutrina dos Muitos; se, de verdade, entendessem que nem sua própria vida lhes pertence; então não cometeriam o erro da identificação.

Cenas de ira, quadros de ciúmes, etc., no terreno da vida prática resultam úteis quando nos encontramos em constante auto-observação psicológica.

Então comprovamos que nem nossos pensamentos, nem nossos desejos, nem nossas ações nos pertencem.

Inquestionavelmente, múltiplos eus intervêm como intrusos de mau agouro para pôr em nossa mente, pensamentos; em nosso coração, emoções; e em nosso centro motor, ações de qualquer classe.

É lamentável que não sejamos donos de nós mesmos; que diversas entidades psicológicas façam de nós o que lhes dê vontade.

Infelizmente, nem remotamente suspeitamos o que nos acontece e atuamos como simples marionetes controladas por fios invisíveis.

O pior de tudo isto é que, em vez de lutar por independizar-nos de todos estes tiranos secretos, cometemos o erro de vigorizá-los, e isto acontece quando nos identificamos.

Qualquer cena de rua, qualquer drama familiar, qualquer briga tola entre cônjuges, deve-se indubitavelmente a tal ou qual eu, e isto é algo que jamais devemos ignorar.

A vida prática é o espelho psicológico onde podemos ver a nós mesmos tal qual somos.

Mas, acima de tudo, devemos compreender a necessidade de ver a nós mesmos, a necessidade de mudar radicalmente. Só assim teremos ânimo de nos observar realmente.

## **Samael Aun Weor**

Quem se contente com o estado em que vive, o néscio, o retardatário, o negligente, não sentirá nunca o desejo de ver-se a si mesmo; querer-se-á demasiado, e de modo algum estará disposto a revisar sua conduta e seu modo de ser.

De forma clara diremos que em algumas comédias, dramas e tragédias da vida prática intervêm vários eus que são necessários compreender.

Em qualquer cena de ciúmes passionais entram em jogo eus de luxúria, ira, amor-próprio, ciúmes, etc., etc., etc., que posteriormente deverão ser ajuizados analiticamente, cada um em separado, a fim de compreendê-los integralmente, com o evidente propósito de desintegrá-los totalmente.

A compreensão resulta muito elástica, por isso precisamos penetrar cada vez mais profundamente; o que hoje compreendemos de um modo, amanhã o compreenderemos melhor.

Vendo as coisas deste ângulo, podemos verificar, por nós mesmos, quão úteis são as diversas circunstâncias da vida quando na verdade as utilizamos como espelho para o autodescobrimento.

De modo algum trataríamos jamais de afirmar que os dramas, comédias e tragédias da vida prática resultam sempre formosos e perfeitos; tal afirmação seria descabelada.

Entretanto, por absurdas que sejam as diversas situações da existência, resultam maravilhosas como ginásio psicológico.

O trabalho relacionado com a dissolução dos diversos elementos que constituem o mim mesmo, resulta espantosamente difícil.

Entre as cadências do verso também se esconde o delito. Entre o perfume delicioso dos templos, esconde-se o delito.

O delito, às vezes, se torna tão refinado que se confunde com a santidade, e tão cruel que chega a se parecer à doçura.

O delito se veste com a toga do juiz, com a túnica do Mestre, com a roupagem do mendigo, com o traje do senhor e até com a túnica do Cristo.

Compreensão é fundamental, mas no trabalho de dissolução dos agregados psíquicos, não é tudo, como veremos no capítulo seguinte.

Resulta urgente, inadiável, nos fazer conscientes de cada Eu, para separá-lo de nossa Psique; mas isso não é tudo, falta algo mais; veja o Capítulo XVI.

# Capítulo XV

## A Kundalini

Chegamos a um ponto muito espinhoso; quero me referir a esta questão da Kundalini, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes, citada em muitos textos da sabedoria oriental.

Indubitavelmente, a Kundalini tem muita documentação e é algo que bem vale a pena investigar.

Nos textos de Alquimia Medieval, a Kundalini é a assinatura astral do esperma sagrado, Stella Maris, a Virgem do Mar, quem guia sabiamente aos trabalhadores da Grande Obra.

Entre os astecas ela é Tonantzin; entre os gregos, a Casta Diana, e no Egito é Ísis, a Mãe Divina, a quem nenhum mortal levantou o véu.

Não há dúvida alguma de que o Cristianismo Esotérico jamais deixou de adorar à Divina Mãe Kundalini; obviamente é Marah, ou melhor diríamos, Ram-Ío, Maria.

O que não especificaram as religiões ortodoxas, pelo menos no que corresponde ao círculo exotérico ou público, é o aspecto de Ísis em sua forma individual humana.

Evidentemente, só em segredo se ensinou, aos Iniciados, que essa Divina Mãe existe individualmente dentro de cada ser humano.

Não é demais esclarecer de forma enfática que Deus-Mãe, Rea, Cibele, Adônia ou como queiramos lhe chamar, é uma variante de nosso próprio Ser individual, aqui e agora.

Concretizando, diremos que cada um de nós tem sua própria Mãe Divina particular, individual.

Há tantas Mães no céu quanto criaturas existentes sobre a face da terra.

A Kundalini é a energia misteriosa que faz o mundo existir; um aspecto de Brahama.

Em seu aspecto psicológico manifesto na anatomia oculta do ser



## **Samael Aun Weor**

humano, a Kundalini se encontra enroscada três vezes e meia dentro de certo centro magnético, localizado no osso coccígeo.

Ali descansa, intumescida como qualquer serpente, a Divina Princesa.

No centro daquele Chakra, ou estância, existe um triângulo feminino, ou Yoni, onde está estabelecido um Lingam macho.

Neste Lingam atômico ou mágico que representa o poder criador sexual de Brahama, enrosca-se a sublime serpente Kundalini.

A rainha ígnea em sua figura de serpente, desperta com o *Secretum Secretorum* de certo artifício alquimista que ensinei claramente em minha obra intitulada: *O Mistério do Áureo Florescer*.

Inquestionavelmente, quando esta divina força desperta, ascende vitoriosa pelo canal medular espinhal para desenvolver em nós os poderes que divinizam.

Em seu aspecto transcendental divinal, sublime, a serpente sagrada transcendendo ao meramente fisiológico, anatômico, em seu estado étnico, é, como já disse, nosso próprio Ser, porém derivado.

Não é meu propósito ensinar neste tratado a técnica para o despertar da serpente sagrada.

Só quero pôr certa ênfase ao cru realismo do Ego e à urgência interior relacionada com a dissolução de seus diversos elementos inumanos.

A mente, por si mesma, não pode alterar radicalmente nenhum defeito psicológico.

A mente pode rotular qualquer defeito, passá-lo de um nível a outro, escondê-lo de si mesma ou dos demais, desculpá-lo, mas nunca eliminá-lo absolutamente.

Compreensão é uma parte fundamental, mas não é tudo, se necessita eliminar.

Defeito observado deve ser analisado e compreendido de forma íntegra antes de proceder a sua eliminação.

Necessitamos de um poder superior à mente; de um poder capaz de desintegrar atomicamente qualquer eu-defeito que previamente tenhamos descoberto e ajuizado profundamente.



## **A Grande Rebelião**

Felizmente, tal poder subjaz profundamente, mais além do corpo, dos afetos e da mente, embora tenha seus expoentes concretos no osso do centro coccígeo, como já explicamos em parágrafos anteriores do presente capítulo.

Depois de ter compreendido integralmente qualquer eu-defeito, devemos nos submergir em meditação profunda, suplicando, orando, pedindo a nossa Divina Mãe particular, individual, que desintegre o eu-defeito previamente compreendido.

Esta é a técnica precisa que se requer para a eliminação dos elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos.

A Divina Mãe Kundalini tem poder para reduzir à cinzas qualquer agregado psíquico subjetivo, inumano.

Sem esta didática, sem este procedimento, todo esforço para a dissolução do Ego resulta infrutífero, inútil, absurdo.

## Capítulo XVI

# NORMAS INTELECTUAIS

No terreno da vida prática cada pessoa tem seu critério, sua forma mais ou menos rançosa de pensar, e nunca se abre ao novo; isto é irrefutável, irrefutável, incontrovertível.

A mente do humanóide intelectual está degenerada, deteriorada, em franco estado de involução.

Realmente, o entendimento da humanidade atual é similar a uma velha estrutura mecânica inerte e absurda, incapaz por si mesma de qualquer fenômeno de elasticidade autêntica.

Falta ductibilidade na mente, encontra-se enfrascada em múltiplas normas rígidas e extemporâneas.

Cada qual tem seu critério e determinadas normas rígidas dentro das quais age e reage incessantemente.

O mais grave de toda esta questão é que os milhões de critérios equivalem a milhões de normas putrefatas e absurdas.

Em todo caso, as pessoas nunca se sentem equivocadas, cada cabeça é um mundo e não há dúvida de que entre tantos recôncavos mentais existem muitos sofismas de distração e estupidez insuportáveis.

Mas o critério estreito das multidões nem remotamente suspeita o engarrafamento intelectual em que se encontra.

Estas pessoas modernas, com cérebro de barata, pensam de si mesmas o melhor; presumem-se de liberais, de supergênios; acreditam que têm critério muito amplo.

Os ignorantes ilustrados resultam ser os mais difíceis, pois na realidade, falando desta vez em sentido socrático diremos: *“Não somente não sabem, senão que, além disso, ignoram que não sabem”*.

Os velhacos do intelecto, aferrados a essas normas antiquadas do passado, se processam violentamente em virtude de seu próprio

## **A Grande Rebelião**

engarramento, e se negam, de forma enfática, a aceitar algo que de modo algum pode encaixar dentro de suas normas de aço.

Pensam os sabichões ilustrados que tudo aquilo que, por uma ou outra causa, saia do caminho rígido de seus procedimentos oxidados é absurdo em cem por cento. Assim, deste modo, essas pobres pessoas de critério tão difícil se auto-enganam miseravelmente.

Presumem-se de geniais os pseudo-sapientes desta época, vêm com desdém a quem tem o valor de afastar-se de suas normas carcomidas pelo tempo; o pior de tudo é que nem remotamente suspeitam a crua realidade de sua própria estupidez.

A mesquinha intelectual das mentes rançosas é tal que até se dá ao luxo de exigir demonstrações sobre isso que é o real, sobre isso que não é da mente.

Não querem entender as pessoas do entendimento raquítico e intolerante que a experiência do real só advém em ausência do ego.

Inquestionavelmente, de modo algum seria possível reconhecer diretamente os mistérios da vida e da morte, enquanto não se tenha aberto, dentro de nós mesmos, a mente interior.

Não é demais repetir neste capítulo que só a Consciência superlativa do Ser pode conhecer a verdade.

A mente interior só pode funcionar com os dados que lhe fornece a Consciência Cósmica do Ser.

O intelecto subjetivo, com sua dialética raciocinativa, nada pode saber sobre isso que escapa da sua jurisdição.

Já sabemos que os conceitos de conteúdo da dialética raciocinativa são elaborados com os dados fornecidos pelos sentidos de percepção externa.

Aqueles que se encontram engarrados dentro de seus procedimentos intelectuais e normas fixas, apresentam sempre resistência a estas idéias revolucionárias.

Só dissolvendo o Ego, de forma radical e definitiva, é possível despertar a Consciência e abrir realmente a mente interior.

No entanto, como estas declarações revolucionárias não cabem dentro

da lógica formal, nem tampouco dentro da lógica dialética, a reação subjetiva das mentes involucionantes opõe resistência violenta.

Querem, essas pobres pessoas do intelecto, colocar o oceano dentro de um copo de cristal; supõem que a universidade pode controlar toda a sabedoria do universo, e que todas as leis do Cosmos estão obrigadas a submeter-se às suas velhas normas acadêmicas.

Nem de longe suspeitam esses ignorantes, modelos de sabedoria, o estado degenerativo em que se encontram.

Às vezes se sobressaem tais pessoas, por um momento, quando vêm ao mundo esoterista, mas logo se apagam como fogos fátuos, desaparecem do panorama das inquietações espirituais, são tragados pelo intelecto e desaparecem de cena para sempre.

A superficialidade do intelecto nunca pode penetrar no fundo legítimo do Ser, porém os processos subjetivos do racionalismo podem levar os néscios a qualquer classe de conclusões muito brilhantes, mas absurdas.

O poder formulativo de conceitos lógicos de modo algum implica a experiência do real.

O jogo convincente da dialética raciocinativa, autofascina ao raciocinador, fazendo-o confundir sempre gato com lebre.

A brilhante procissão de idéias ofusca ao velhaco do intelecto, e lhe dá certa auto-suficiência tão absurda quanto para rechaçar a tudo isso que não cheire a pó de bibliotecas e tinta de universidade.

O “*delirium tremens*” dos bêbados alcoólicos têm sintomas inconfundíveis, mas o dos ébrios das teorias se confunde facilmente com a genialidade.

Ao chegar a esta parte de nosso capítulo, diremos que, certamente resulta muito difícil saber onde termina o intelectualismo dos velhacos e onde começa a loucura.

Enquanto continuemos engarrafados dentro das normas podres e rançosas do intelecto, será algo mais que impossível a experiência disso que não é da mente, disso que não é do tempo, disso que é o Real.

## Capítulo XVII

# A FACA DA CONSCIÊNCIA

Alguns psicólogos simbolizam a Consciência como uma faca muito capaz de nos separar do que está grudado a nós e nos extrai a força.

Acreditam tais psicólogos que a única maneira de escapar ao poder de tal ou qual Eu, é observá-lo, cada vez com mais clareza, com o propósito de compreendê-lo para nos tornar conscientes do mesmo.

Pensam essas pessoas que assim nos separamos eventualmente deste ou daquele Eu, ainda que seja pela grossura do fio de uma faca.

Desta maneira, dizem, o Eu separado pela Consciência, parece como uma planta cortada.

Fazer-se consciente de qualquer Eu, segundo eles, significa separá-lo de nossa Psique e condená-lo a morte.

Inquestionavelmente, tal conceito, aparentemente muito convincente, falha na prática.

O Eu que mediante a faca da Consciência foi cortado de nossa personalidade, arrojado de casa como ovelha negra, continua no espaço psicológico, converte-se em demônio tentador, insiste em retornar à casa, não se resigna tão facilmente; de maneira nenhuma quer comer o pão amargo do desterro; busca uma oportunidade, e ao menor descuido da guarda se acomoda novamente dentro de nossa psique.

O mais grave é que dentro do Eu desterrado se encontra sempre engarrafada certa porcentagem de essência, de Consciência.

Todos esses psicólogos que assim pensam, jamais conseguiram dissolver nenhum de seus Eus; na realidade fracassaram.

Por muito que se tente fugir dessa questão do Kundalini, o problema é muito grave.

Na realidade, o “Filho Ingrato” não progride jamais no trabalho esotérico sobre si mesmo.

## **Samael Aun Weor**

Obviamente, “Filho Ingrato” é todo aquele que despreza a “Ísis”, nossa Divina Mãe Cósmica, particular, individual.

Ísis é uma das partes autônomas de nosso próprio Ser, porém derivada, a Serpente ígnea de nossos mágicos poderes, o Kundalini.

Evidentemente, só “Ísis” tem poder absoluto para desintegrar a qualquer Eu; isto é irrefutável, irrefutável, incontrovertível.

Kundalini é uma palavra composta: “Kunda vem a nos recordar ao abominável Órgão Kundartiguador”, “Lini é um termo Atlante que significa Fim”.

“Kundalini” quer dizer: “Fim do abominável Órgão Kundartiguador”. É, pois, urgente não confundir ao “Kundalini” com o “Kundartiguador”.

Já dissemos em um passado capítulo, que a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes se encontra enroscada três vezes e meia dentro de certo Centro Magnético localizado no osso coccígeo, base da espinha dorsal.

Quando a Serpente sobe, é o Kundalini, quando baixa, é o abominável Órgão Kundartiguador.

Mediante o “Tantrismo Branco” a serpente ascende vitoriosa pelo canal medular espinhal, despertando os poderes que divinizam.

Mediante o “Tantrismo Negro” a serpente se precipita do cóccix para os infernos atômicos do homem. Assim é como muitos se convertem em Demônios terrivelmente perversos.

Aqueles que cometem o erro de atribuir à serpente ascendente todas as características escuras e tenebrosas da serpente descendente, fracassam definitivamente no trabalho sobre si mesmos.

As más conseqüências do “abominável Órgão Kundartiguador”, só podem ser aniquiladas com o “Kundalini”.

Não é demais esclarecer que, tais más conseqüências estão cristalizadas no Eu Pluralizado da Psicologia Revolucionária.

O poder Hipnótico da Serpente descendente mantém a humanidade submersa na inconsciência.

Só a Serpente ascendente, por oposição, pode nos despertar; esta verdade é um axioma da Sabedoria Hermética. Agora compreenderemos melhor a

## **A Grande Rebelião**

profunda significação da palavra sagrada “Kundalini”.

A Vontade consciente está sempre representada pela mulher sagrada, Maria, Ísis, que esmaga a cabeça da Serpente descendente.

Declaro aqui, francamente e sem rodeios, que a dupla corrente de luz, o fogo vivo e astral da terra, foi figurado pela serpente com cabeça de touro, de bode ou de cão nos Antigos Mistérios.

É a dupla Serpente do Caduceu de Mercúrio; é a Serpente tentadora do Éden; mas é também, sem a menor dúvida, a Serpente de Cobre de Moisés, entrelaçada no “Tao”, isto é, no “Lingam Gerador”.

Ela é o bode de Sabath e o Bafometo dos Templários Gnósticos; o Hyle do Gnosticismo Universal; a dupla cauda de serpente que forma as patas do Galo Solar dos Abraxas.

No “Lingam Negro” embutido no “Yoni” metálico, símbolos do Deus Shiva, a Divindade Hindu, está a chave secreta para despertar e desenvolver a Serpente ascendente ou Kundalini, sob a condição de não derramar jamais na vida o “Vaso de Hermes Trismegisto”, o Três vezes grande Deus “Íbis de Thoth”.

Falamos em entrelinhas para aqueles que saibam entender. Quem tenha entendimento que entenda porque aqui há sabedoria.

Os Tântricos negros são diferentes; eles despertam e desenvolvem o abominável Órgão Kundartiguador, a Serpente tentadora do Éden, quando cometem em seus ritos o crime imperdoável de derramar o “Vinho Sagrado”.

# Capítulo XVIII

## O PAÍS PSICOLÓGICO

Inquestionavelmente, assim como existe o País Exterior no qual vivemos, assim também em nossa intimidade existe o país psicológico.

As pessoas não ignoram jamais a cidade ou a comarca onde vivem; infelizmente acontece que desconhecem o lugar psicológico onde se encontram localizadas.

Em um dado instante, qualquer um sabe em que bairro ou colônia se encontra, mas no terreno psicológico não acontece o mesmo; normalmente as pessoas nem remotamente suspeitam, em um dado momento, o lugar de seu país psicológico onde se meteram.

Assim como no mundo físico existem colônias de pessoas decentes e cultas, assim também acontece na comarca psicológica de cada um de nós; não há dúvida de que existem colônias muito elegantes e formosas.

Assim como no mundo físico há colônias ou bairros com ruelas perigosíssimas, cheias de assaltantes, assim também acontece o mesmo na comarca psicológica de nosso interior.

Tudo depende da classe de pessoas que nos acompanhe; se tivermos amigos bêbados iremos parar na cantina, e se estes últimos são libertinos, indubitavelmente nosso destino estará nos prostíbulos.

Dentro de nosso país psicológico cada qual tem seus acompanhantes, seus Eus; estes nos levarão onde nos devem levar de acordo com nossas características psicológicas.

Uma dama virtuosa e honorável, magnífica esposa, de conduta exemplar, vivendo em uma formosa mansão no mundo físico, devido a seus Eus luxuriosos, poderia estar localizada em antros de prostituição dentro de seu país psicológico.

Um cavaleiro honorável, de honradez irrepreensível, magnífico cidadão, poderia, dentro de sua comarca psicológica, encontrar-se localizado em um



## **A Grande Rebelião**

covil de ladrões, devido a seus péssimos acompanhantes, Eus do roubo, muito submersos dentro do inconsciente.

Um anacoreta e penitente, possivelmente um monge azul, vivendo austero dentro de sua cela, em algum monastério, poderia psicologicamente encontrar-se localizado em uma colônia de assassinos, pistoleiros, assaltantes, drogados, devido precisamente a Eus infraconscientes ou inconscientes submersos profundamente dentro dos recôncavos mais difíceis de sua psique.

Por algo nos foi dito que há muita virtude nos malvados, e que há muita maldade nos virtuosos.

Muitos Santos canonizados, inclusive, vivem ainda dentro dos antros psicológicos do roubo ou em casas de prostituição.

Isto que estamos afirmando de forma enfática poderia escandalizar aos puritanos, aos pietistas, aos ignorantes ilustrados, aos modelos de sabedoria, mas jamais aos verdadeiros psicólogos.

Embora pareça incrível, entre o incenso da oração também se esconde o delito; entre as cadências do verso também se esconde o delito; sob a cúpula sagrada dos santuários mais divinos, o delito se reveste com a túnica da santidade e da palavra sublime.

Entre os fundos profundos dos Santos mais veneráveis, vivem os Eus do prostíbulo, do roubo, do homicídio, etc.

Acompanhantes infra-humanos escondidos entre as insondáveis profundidades do inconsciente.

Muito sofreram, por tal motivo, os diversos Santos da história; recordemos as tentações de Santo Antônio; todas aquelas abominações contra as quais teve que lutar nosso irmão Francisco de Assis.

Entretanto, nem tudo disseram esses Santos, e a maior parte dos anacoretas calaram.

Nos assombramos ao pensar que alguns anacoretas, penitentes e santíssimos, vivam nas colônias psicológicas da prostituição e do roubo.

Porém são Santos, e se ainda não têm descoberto essas coisas espantosas de sua psique, quando as descobrirem, usarão cilícios sobre sua carne, jejuarão, possivelmente se açoitarão, e rogarão a sua divina mãe Kundalini

## **Samael Aun Weor**

que elimine de sua psique esses maus acompanhantes que nesses antros tenebrosos de seu próprio país psicológico os têm metido.

Muito disseram as distintas religiões sobre a vida depois da morte e o mais além.

Que não se devaneiem mais os cérebros das pobres pessoas sobre o que há lá do outro lado, mais além do sepulcro.

Inquestionavelmente, depois da morte cada qual continua vivendo na colônia psicológica de sempre.

O ladrão continuará nos antros dos ladrões; o luxurioso, nas casas de encontro, prosseguirá como fantasma de mau agouro; o iracundo, o furioso, seguirá vivendo nas alamedas perigosas do vício e da ira, ali também onde brilha o punhal e soam os tiros das pistolas.

A essência em si mesma é muito formosa; veio de cima das estrelas, e desgraçadamente está metida dentro de todos estes eus que levamos dentro.

Por oposição, a essência pode retroceder o caminho, retornar ao ponto de partida original, voltar para as estrelas, mas deve libertar-se primeiro de seus maus acompanhantes, que a têm metida nos subúrbios da perdição.

Quando Francisco de Assis e Antônio de Pádua, insignes mestres cristificados, descobriram dentro de seu interior os eus da perdição, sofreram o inexprimível, e não há dúvida de que, a base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, conseguiram reduzir a poeira cósmica a todo esse conjunto de elementos inumanos que em seu interior viviam. Inquestionavelmente, esses Santos se Cristificaram, e retornaram ao ponto de partida original depois de ter sofrido muito.

Antes de tudo, é necessário, é urgente, inadiável, que o centro magnético que, de forma anormal, temos estabelecido em nossa falsa personalidade, seja transferido à Essência. Assim poderá o homem completo iniciar sua viagem da personalidade até as estrelas, ascendendo de forma didática, progressiva, de grau em grau pela montanha do Ser.

Enquanto continue o centro magnético estabelecido em nossa personalidade ilusória, viveremos nos antros psicológicos mais abomináveis, embora na vida prática sejamos magníficos cidadãos.

## **A Grande Rebelião**

Cada qual tem um centro magnético que lhe caracteriza; o comerciante tem o centro magnético do comércio, e por isso se desenvolve nos mercados e atrai o que lhe é afim, compradores e mercadores.

O homem de ciência tem em sua personalidade o centro magnético da ciência, e por isso atrai para si todas as coisas da ciência, livros, laboratórios, etc.

O esoterista tem em si mesmo o centro magnético do esoterismo, e como esta classe de centro se torna diferente das questões da personalidade, indubitavelmente acontece, por tal motivo, a transferência.

Quando o centro magnético se estabelece na Consciência, isto é, na essência, então se inicia o regresso do homem total às estrelas.

# Capítulo XIX

## AS DROGAS

O desdobramento psicológico do homem nos permite evidenciar o cru realismo de um nível superior em cada um de nós.

Quando se pôde verificar, por si mesmo, de forma direta, o fato concreto de dois homens em si mesmo, o inferior no nível normal, comum e corrente, o superior em uma oitava mais elevada, então tudo muda, e procuramos, neste caso, atuar na vida de acordo aos princípios fundamentais que levamos no profundo de nosso Ser.

Assim como existe uma vida externa, assim também existe uma vida interna.

O homem exterior não é tudo. O desdobramento psicológico nos ensina a realidade do homem interior.

O homem exterior tem seu modo de ser. É uma *coisa* com múltiplas atitudes e reações típicas na vida, uma marionete movida por fios invisíveis.

O homem interior é o Ser autêntico; processa-se em outras leis muito diferentes, jamais poderia ser convertido em robô.

O homem exterior não dá alfinetada sem dedal. Sente que lhe pagaram mal, compadece-se de si mesmo, autoconsidera-se demasiado. Se for soldado aspira ser general; se for trabalhador de uma fábrica protesta quando não o promovem; quer que seus méritos sejam devidamente reconhecidos, etc.

Ninguém poderia chegar ao Segundo nascimento, renascer, como diz o Evangelho do Senhor, enquanto continue vivendo com a psicologia do homem inferior, comum e corrente.

Quando se reconhece sua própria nulidade e miséria interior, quando se tem o valor de revisar sua vida, indubitavelmente se vem a saber, por si mesmo, que de maneira nenhuma possui méritos de nenhuma espécie.

“Bem-aventurados os pobres de Espírito porque eles receberão o reino dos céus”.

## **A Grande Rebelião**

Pobres de Espírito, ou indigentes do Espírito, são realmente aqueles que reconhecem sua própria nulidade, falta de vergonha e miséria interior. Essa classe de seres, inquestionavelmente, recebem a iluminação.

“É mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino dos céus”.

É evidente que a mente enriquecida por tantos méritos, condecorações e medalhas, distintas virtudes sociais e complicadas teorias acadêmicas, não é pobre de Espírito, e por conseguinte, nunca poderia entrar no reino dos céus.

Para entrar ao Reino se faz inadiável o tesouro da fé. Enquanto não se tenha produzido em cada um de nós o desdobramento psicológico, a Fé resulta algo mais que impossível.

A Fé é o conhecimento puro, a sabedoria experimental direta.

A Fé foi sempre confundida com as vãs crenças. Os Gnósticos não devem cair jamais em tão grave erro.

A Fé é experiência direta do real; vivência magnífica do homem interior; cognição divinal autêntica.

O homem interior, ao conhecer por experiência mística direta seus próprios mundos internos, é evidente que conhece também os mundos internos de todas as pessoas que povoam a face da terra.

Ninguém poderia conhecer os mundos internos do planeta Terra, do sistema solar e da galáxia em que vivemos, se antes não conheceu seus próprios mundos internos. Isso é similar ao suicida, que escapa da vida por porta falsa.

As extrapercepções do drogado têm sua raiz particular no abominável Órgão Kundartiguador (a serpente tentadora do Éden).

A Consciência, engarrafada entre os múltiplos elementos que constituem o Ego, se processa em virtude de seu próprio engarrafamento.

A Consciência egóica advém, pois, em estado comatoso, com alucinações hipnóticas muito similares às de qualquer sujeito que se encontrasse sob o influxo de tal ou qual droga.

Podemos expor esta questão na seguinte forma: alucinações da

## **Samael Aun Weor**

Consciência egóica são iguais às alucinações provocadas pelas drogas.

Obviamente, estes dois tipos de alucinações têm suas causas originais no abominável Órgão Kundartiguador. (Veja Capítulo XVI do presente livro)

Indubitavelmente, as drogas aniquilam os raios alfa, então, inquestionavelmente, vem a perder-se a conexão intrínseca entre mente e cérebro; isto, de fato, resulta em fracasso total.

O drogado converte o vício em religião e, desviado, pensa experimentar o real sob o influxo das drogas, ignorando que as extrapercepções produzidas pela maconha, pelo L.S.D., morfina, cogumelos alucinantes, cocaína, heroína, haxixe, pastilhas tranqüilizantes em excesso, anfetaminas, barbitúricos, etc., etc., etc., são meras alucinações elaboradas pelo abominável Órgão Kundartiguador.

Os drogados, involuindo, degenerando no tempo, submergem-se ao fim, de forma definitiva, dentro dos mundos infernais.

# Capítulo XX

## INQUIETAÇÕES

Não há dúvida de que entre o pensar e o sentir existe uma grande diferença, isto é incontrovertível.

Existe uma grande frieza entre as pessoas. É o frio do que não tem importância, do superficial.

Acreditam as multidões que importante é o que não é importante, supõem que a última moda ou o carro do último modelo ou esta questão do salário mínimo é a única coisa séria.

Chamam de sério a crônica do dia, a aventura amorosa, a vida sedentária, a taça de licor, a corrida de cavalos, a corrida de automóveis, a tourada, a fofoca, a calúnia, etc.

Obviamente, quando o homem do dia ou a mulher do salão de beleza escutam algo sobre esoterismo, como isto não está em seus planos, nem em suas tertúlias, nem em seus prazeres sexuais, respondem com um ‘não-sei-quê’ de frieza espantosa, ou simplesmente retorcem a boca, levantam os ombros, e se retiram com indiferença.

Essa apatia psicológica, essa frieza que espanta, tem dois fundamentos: primeiro, a ignorância mais tremenda; segundo, a ausência mais absoluta de inquietações espirituais.

Falta um contato, um choque elétrico. Ninguém o deu na loja, tampouco entre o que se acreditava sério, nem muito menos nos prazeres da cama.

Se alguém fosse capaz de dar ao frio imbecil, ou à superficial mulherzinha, o toque elétrico do momento, a chispada do coração, alguma reminiscência estranha, um não-sei-quê demasiado íntimo, talvez então tudo seria distinto.

Mas algo substitui à vizinha secreta, à primeira palpitação, ao anelo íntimo, possivelmente uma tolice, o formoso chapéu de alguma vitrine ou estante, o doce delicioso de um restaurante, o encontro de um amigo que

## **Samael Aun Weor**

mais tarde não tem nenhuma importância para nós, etc.

Tolices, necessidades que, não sendo transcendentais, sim têm força em um instante dado para apagar a primeira inquietação espiritual, o íntimo anelo, a insignificante faísca de luz, a intuição que, sem saber por que, nos inquietou por um momento.

Se esses que hoje são cadáveres viventes, frios noctâmbulos do clube ou simplesmente vendedores de guarda-chuva no armazém da rua principal, não tivessem sufocado a primeira inquietação íntima, seriam, neste momento, luminárias do Espírito, adeptos da luz, homens autênticos, no sentido mais completo da palavra.

A chispada, a palpitação, um suspiro misterioso, um não-sei-quê, foi sentido alguma vez pelo açougueiro da esquina, pelo engraxate de calçados ou pelo doutor de primeira magnitude, mas tudo foi em vão. As necessidades da personalidade sempre apagam a primeira chispada da luz; depois prossegue o frio da mais espantosa indiferença.

Inquestionavelmente, as pessoas são tragadas pela lua cedo ou tarde; esta verdade resulta incontrovertível.

Não há ninguém que na vida não haja sentido alguma vez uma palpitação íntima, uma estranha inquietação; desgraçadamente qualquer coisa da personalidade, por tola que seja, é suficiente para reduzir a poeira cósmica isso que no silêncio da noite nos comoveu por um momento.

A lua ganha sempre estas batalhas, ela se alimenta, nutre-se precisamente com nossas próprias debilidades.

A lua é terrivelmente mecanicista; o humanóide lunar, desprovido por completo de toda inquietação solar, é incoerente e se move no mundo de seus sonhos.

Se alguém fizesse o que ninguém faz, isto é, avivar a íntima inquietação, surgida talvez no mistério de alguma noite, não há dúvida de que, com o tempo, se assimilaria à inteligência solar e se converteria, por tal motivo, em homem solar.

Isso é, precisamente, o que o Sol quer; mas a estas sombras lunares tão frias, apáticas e indiferentes, sempre as traga a Lua; depois vem a igualação



## **A Grande Rebelião**

da morte.

A morte iguala tudo. Qualquer cadáver vivente desprovido de inquietações solares degenera terrivelmente, de forma progressiva, até que a Lua o devore.

O Sol quer criar homens. Está fazendo esse ensaio no laboratório da natureza; desgraçadamente, tal experimento não lhe tem dado muito bons resultados, a Lua traga as pessoas.

Contudo, isto que estamos dizendo não interessa a ninguém, muito menos aos ignorantes ilustrados; eles se sentem a mamãe dos pintinhos ou o papai do Tarzan.

O Sol depositou dentro das glândulas sexuais do animal intelectual, equivocadamente chamado homem, certos germens solares que, convenientemente desenvolvidos, poderiam nos transformar em homens autênticos.

Porém, o experimento solar resulta espantosamente difícil devido precisamente ao frio lunar.

As pessoas não querem cooperar com o Sol, e por tal motivo, com o tempo, os germens solares involuem, degeneram e se perdem infelizmente.

A clavícula mestra da obra do Sol está na dissolução dos elementos indesejáveis que levamos dentro.

Quando uma raça humana perde todo o interesse pelas idéias solares, o Sol a destrói porque já não lhe serve para seu experimento.

Como esta raça atual se tornou insuportavelmente lunar, terrivelmente superficial e mecanicista, já não serve para o experimento solar, motivo mais que suficiente pelo qual será destruída.

Para que haja inquietação espiritual contínua se requer passar o centro magnético de gravidade à essência, à Consciência.

Infelizmente, as pessoas têm o centro magnético de gravidade na personalidade, no café, na cantina, nos negócios do banco, na casa de encontros ou na praça de mercado, etc.

Obviamente, todas estas são as coisas da personalidade e o centro magnético da mesma atrai a todas estas coisas; isto é incontrovertível, e

## **Samael Aun Weor**

qualquer pessoa que tenha bom senso pode verificá-lo por si mesma e de forma direta.

Desgraçadamente, ao ler tudo isto, os velhacos do intelecto, acostumados a discutir demasiado ou a calar com um orgulho insuportável, preferem atirar o livro com desdém e ler o jornal.

Uns quantos sorvos de um bom café e a crônica do dia resultam magnífico alimento para os mamíferos racionais.

Entretanto, eles se sentem muito sérios; indubitavelmente, suas próprias sabichonices os mantêm alucinados, e estas coisas de tipo solar, escritas neste livro insolente, os molestam muito. Não há dúvida de que os olhos boêmios dos homúnculos da razão não se atreveriam a continuar com o estudo desta obra.

# Capítulo XXI

## MEDITAÇÃO

Na vida, a única coisa importante é a mudança radical, total e definitiva; o resto, francamente, não tem a menor importância.

A meditação resulta fundamental quando, sinceramente, nós queremos tal mudança.

De modo algum desejamos a meditação sem transcendência, superficial e vã.

Precisamos nos tornar sérios e deixar de lado tantas tolices que abundam por ali no pseudo-esoterismo e pseudo-ocultismo barato.

Temos que saber ser sérios, temos que saber mudar, se é que na realidade, de verdade, não queremos fracassar no trabalho esotérico.

Quem não sabe meditar, o superficial, o ignorante, jamais poderá dissolver o Ego; será sempre um tronco impotente entre o furioso mar da vida.

Defeito descoberto no terreno da vida prática, deve ser compreendido profundamente através da técnica da meditação.

O material didático para a meditação se encontra precisamente nos distintos eventos ou circunstâncias diárias da vida prática, isto é incontrovertível.

As pessoas sempre protestam contra os eventos desagradáveis, nunca sabem ver a utilidade de tais eventos.

Nós, em vez de protestar contra as circunstâncias desagradáveis, devemos extrair das mesmas, mediante a meditação, os elementos úteis para nosso crescimento anímico.

A meditação profunda sobre tal ou qual circunstância agradável ou desagradável, permite-nos sentir em nós mesmos o sabor, o resultado.

É necessário fazer uma plena diferenciação psicológica entre o que é o sabor trabalho e o sabor vida.

## **Samael Aun Weor**

Em todo caso, para sentir em nós mesmos o sabor trabalho se requer inversão total da atitude com que normalmente se tomam as circunstâncias da existência.

Ninguém poderia gostar do sabor trabalho enquanto cometesse o erro de identificar-se com os diversos eventos.

Certamente, a identificação impede a devida apreciação psicológica dos eventos.

Quando alguém se identifica com tal ou qual acontecimento, de modo algum consegue extrair do mesmo, os elementos úteis para o autodescobrimento e crescimento interior da Consciência.

O trabalhador esoterista que retorna à identificação depois de ter perdido a guarda, volta a sentir o sabor vida em vez do sabor trabalho.

Isto indica que a atitude psicológica, antes invertida, voltou a seu estado de identificação.

Qualquer circunstância desagradável deve ser reconstruída por meio da imaginação consciente através da técnica da meditação.

A reconstrução de qualquer cena nos permite verificar por nós mesmos, e de forma direta, a intervenção de vários eus participantes na mesma.

Exemplos: Em uma cena de ciúmes amorosos intervêm eus de ira, ciúmes e até ódio.

Compreender cada um destes eus, cada um destes fatores, implica de fato em profunda reflexão, concentração, meditação.

A marcada tendência a culpar os outros é óbice obstáculo para a compreensão de nossos próprios erros.

Desgraçadamente, resulta tarefa muito difícil destruir em nós a tendência a culpar os outros.

Em nome da verdade, temos de dizer que nós somos os únicos culpáveis das diversas circunstâncias desagradáveis da vida.

Os distintos eventos agradáveis ou desagradáveis existem conosco ou sem nós, e se repetem mecanicamente, de forma contínua.

Partindo deste princípio, nenhum problema pode ter uma solução final.

Os problemas são da vida, e se houvesse uma solução final, a vida não

## **A Grande Rebelião**

seria vida, mas sim morte.

Então, pode haver modificação das circunstâncias e dos problemas, mas nunca deixarão de repetir-se e jamais terão uma solução final.

A vida é uma roda que gira mecanicamente com todas as circunstâncias agradáveis e desagradáveis, sempre recorrente.

Não podemos deter a roda; as circunstâncias boas ou más se processam sempre mecanicamente, unicamente podemos mudar nossa atitude ante os eventos da vida.

Conforme aprendamos a extrair o material para a meditação dentre as mesmas circunstâncias da existência, iremos autodescobrindo-nos.

Em qualquer circunstância agradável ou desagradável existem diversos eus que devem ser compreendidos integralmente com a técnica da meditação.

Isto significa que qualquer grupo de eus intervindo em tal ou qual drama, comédia ou tragédia da vida prática, depois de ter sido compreendido integralmente, deverá ser eliminado mediante o poder da Divina Mãe Kundalini.

À medida que fazamos uso do sentido da observação psicológica, este último irá também se desenvolvendo maravilhosamente. Então poderemos perceber interiormente, não somente os eus antes de terem sido trabalhados, mas também durante todo o trabalho.

Quando estes eus são decapitados e desintegrados, sentimos um grande alívio, uma grande dita.

## Capítulo XXII

# RETORNO E RECORRÊNCIA

Um homem é o que é sua vida; se um homem não trabalha sua própria vida, está perdendo o tempo miseravelmente.

Somente eliminando os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos, podemos fazer de nossa vida uma obra mestra.

A morte é o regresso ao princípio da vida, com a possibilidade de repeti-la novamente no cenário de uma nova existência.

As diversas escolas de tipo pseudo-esoterista e pseudo-ocultistas sustentam a teoria eterna das vidas sucessivas; tal conceito está equivocado.

A vida é um filme; concluída a projeção, enrola-se o carretel e a levamos para a eternidade.

O reingresso existe, o retorno existe; ao voltar para este mundo, projetamos sobre o tapete da existência o mesmo filme, a mesma vida.

Podemos aceitar a tese de existências sucessivas, mas não de vidas sucessivas porque o filme é o mesmo.

O ser humano tem três por cento de essência livre e noventa e sete por cento de essência engarrafada entre os eus.

Ao retornar, os três por cento de essência livre impregnam totalmente ao ovo fecundado; inquestionavelmente, continuamos na semente de nossos descendentes.

Personalidade é diferente; não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto; esta última vai se dissolvendo lentamente no panteão ou cemitério.

No recém-nascido só se encontra reincorporada a pequena percentagem de essência livre; isto dá a criatura autoconsciência e beleza interior.

Os diversos eus que retornam dão voltas ao redor do recém-nascido, vão e vêm livremente por toda parte, gostariam de meter-se dentro da

## **A Grande Rebelião**

maquina orgânica, mas isto não é possível enquanto não se tenha criado uma nova personalidade.

Convém saber que a personalidade é energética e que se forma com a experiência através do tempo.

Escrito está que a personalidade tem que se criar durante os primeiros sete anos da infância e que posteriormente se robustece e fortifica com prática.

Os eus começam a intervir dentro da máquina orgânica, pouco a pouco, à medida que a nova personalidade vai se criando.

A morte é uma subtração de frações. Terminada a operação matemática, a única coisa que continua são os valores (isto é, os eus bons e maus, úteis e inúteis, positivos e negativos).

Os valores, na luz astral, se atraem e repelem entre si de acordo com as leis da imantação universal.

Nós somos pontos matemáticos no espaço que servimos de veículos a determinadas somas de valores.

Dentro da humana personalidade de cada um de nós existem sempre estes valores que servem de embasamento à lei de Recorrência.

Tudo volta a ocorrer tal como aconteceu mais o resultado ou conseqüência de nossas ações precedentes.

Como existem, dentro de cada um de nós, muitos eus de vidas precedentes, podemos afirmar, de forma enfática, que cada um daqueles é uma pessoa distinta.

Isto nos convida a compreender que dentro de cada um de nós, vivem muitíssimas pessoas com distintos compromissos.

Dentro da personalidade de um ladrão existe um verdadeiro covil de ladrões; dentro da personalidade de um homicida existe todo um clube de assassinos; dentro da personalidade de um luxurioso existe uma casa de encontros; dentro da personalidade de qualquer prostituta existe todo um prostíbulo.

Cada uma dessas pessoas, que dentro de nossa própria personalidade carregamos, tem seus problemas e seus compromissos.

## **Samael Aun Weor**

Gente vivendo dentro da gente, pessoas vivendo dentro das pessoas; isto é irrefutável, irrefutável.

O grave de tudo isto é que cada uma dessas pessoas ou eus, que dentro de nós vive, vem de antigas existências e tem determinados compromissos.

O eu que na passada existência teve uma aventura amorosa à idade dos trinta anos, na nova existência aguardará tal idade para manifestar-se, e chegado o momento procurará à pessoa de seus sonhos. Colocar-se-á em contato telepático com a mesma, e ao fim virá o reencontro e a repetição da cena.

O eu que à idade de quarenta anos teve um pleito por bens materiais, na nova existência aguardará tal idade para repetir o mesmo episódio.

O eu que à idade de vinte e cinco anos brigou com outro homem na cantina ou no bar, aguardará na nova existência a nova idade de vinte e cinco anos para procurar a seu adversário e repetir a tragédia.

Buscam-se entre si os eus de um e outro sujeito mediante ondas telepáticas e logo se reencontram para repetir mecanicamente o mesmo.

Esta é realmente a mecânica da Lei de Recorrência, esta é a tragédia da vida.

Através de milhares de anos os diversos personagens se reencontram para reviver os mesmos dramas, comédias e tragédias.

A pessoa humana não é mais que uma máquina ao serviço destes eus com tantos compromissos.

O pior de toda esta questão é que todos estes compromissos das pessoas que levamos em nosso interior se cumprem sem que nosso entendimento tenha previamente alguma informação.

Nossa personalidade humana, neste sentido, parece um carro arrastado por múltiplos cavalos.

Há vidas de exatíssima repetição, recorrentes existências que nunca se modificam.

De modo algum poderiam repetir-se as comédias, dramas e tragédias da vida sobre a tela da existência, se não existissem atores.

Os atores de todas estas cenas são os eus que em nosso interior



## **A Grande Rebelião**

carregamos e que vêm de antigas existências.

Se nós desintegramos aos eus da ira, as cenas trágicas da violência concluem inevitavelmente.

Se nós reduzimos à poeira cósmica aos agentes secretos da cobiça, os problemas da mesma finalizarão totalmente.

Se nós aniquilamos aos eus da luxúria, as cenas de prostíbulo e de morbosidade finalizam.

Se nós reduzimos à cinzas aos personagens secretos da inveja, os eventos da mesma concluirão radicalmente.

Se nós matamos aos eus do orgulho, da vaidade, da presunção, da auto-importância, as cenas ridículas destes defeitos finalizarão por falta de atores.

Se nós eliminamos de nossa psique os fatores da preguiça, da inércia e da moleza, as horripilantes cenas desta classe de defeitos, não poderão repetir-se por falta de atores.

Se nós pulverizamos os eus asquerosos da gula, da gulodice, finalizarão os banquetes, as bebedeiras, etc., por falta de atores.

Como estes múltiplos eus se processam lamentavelmente nos distintos níveis do ser, faz-se necessário conhecer suas causas, sua origem e os procedimentos Crísticos que finalmente haverão de conduzir-nos à morte do mim mesmo e à Liberação Final.

Estudar ao Cristo Íntimo, estudar o esoterismo Crístico é básico quando se trata de provocar em nós uma mudança radical e definitiva; isto é o que estudaremos nos próximos capítulos.

# Capítulo XXIII

## O CRISTO ÍNTIMO

Cristo é o Fogo do Fogo, a Chama da Chama, a Assinatura Astral do Fogo.

Sobre a Cruz do Mártir do Calvário está definido o Mistério do Cristo com uma só palavra que consta de quatro letras: INRI – *Ignis Natura Renovatur Ingram* – O Fogo Renova Incessantemente a Natureza.

O Advento do Cristo no coração do homem transforma-nos radicalmente.

Cristo é o Logos Solar, Unidade Múltipla perfeita. Cristo é a vida que palpita no universo inteiro, é o que é, o que sempre foi e o que sempre será.

Muito se disse sobre o Drama Cósmico; inquestionavelmente, este Drama está formado pelos quatro evangelhos.

Nos foi dito que o Drama Cósmico foi trazido pelos Elohim à terra; o Grande Senhor da Atlântida representou este drama em Carne e Osso.

O Grande Kabir Jesus também teve que representar o mesmo drama publicamente na Terra Santa.

Ainda que o Cristo nasça mil vezes em Belém, de nada serve se não nasce em nosso coração também.

Ainda que tivesse morrido e ressuscitado ao terceiro dia dentre os mortos, de nada serve isso se não morre e ressuscita em nós também.

Tratar de descobrir a natureza e a essência do fogo é tratar de descobrir a Deus, cuja presença real sempre se revelou sob a aparência ígnea.

A sarça ardente (Êxodo, III, 2) e o incêndio do Sinai, a raiz do outorgamento do Decálogo (Êxodo, XIX, 18), são duas manifestações, por meio das quais, Deus apareceu a Moisés.

Sob a figura de um ser de Jaspe e Sardônico de cor de chama, sentado em um Trono incandescente e fulgurante, São João descreve ao dono do Universo (Apocalipse, IV, 3,5).

## **A Grande Rebelião**

“*Nosso Deus é um Fogo Devorador*”, escreve São Paulo em sua Epístola aos Hebreus.

O Cristo Íntimo, o Fogo Celestial, deve nascer em nós e nasce, na realidade, quando avançamos bastante no trabalho psicológico.

O Cristo Íntimo deve eliminar de nossa Natureza Psicológica, as próprias causas do erro: os Eus-Causa.

Não seria possível a dissolução das causas do Ego, enquanto o Cristo Íntimo não tenha nascido em nós.

O Fogo vivente e Filosofal, o Cristo Íntimo, é o Fogo do Fogo, o puro do puro.

O Fogo nos envolve e nos banha por todas as partes. Vem a nós pelo ar, pela água e pela própria terra, que são conservadores e seus diversos veículos.

O Fogo Celestial deve cristalizar em nós; é o Cristo Íntimo, nosso Salvador interior profundo.

O Senhor Íntimo deve encarregar-se de toda nossa Psique, dos Cinco Cilindros da máquina Orgânica, de todos os nossos processos Mentais, Emocionais, Motores, Instintivos, Sexuais.

# Capítulo XXIV

## TRABALHO CRÍSTICO

O Cristo Íntimo surge interiormente no trabalho relacionado com a dissolução do Eu Psicológico.

Obviamente, o Cristo Interior só advém no momento culminante de nossos esforços intencionais e padecimentos voluntários.

O advento do fogo Crístico é o evento mais importante de nossa própria vida.

O Cristo Íntimo se encarrega, então, de todos os nossos processos mentais, emocionais, motores, instintivos e sexuais.

Inquestionavelmente, o Cristo Íntimo é nosso salvador interior profundo.

Ele, sendo perfeito, ao meter-se em nós, pareceria como imperfeito; sendo casto, pareceria como se não o fosse; sendo justo, pareceria como se não o fosse.

Isto é semelhante aos distintos reflexos da luz. Se usarmos óculos azuis tudo nos parecerá azul, e se os usarmos de cor vermelha veremos todas as coisas desta cor.

Ele, ainda que seja branco, visto de fora, cada qual o verá através do cristal psicológico com que o olha; por isso é que as pessoas vendo-o, não o vêem.

Ao encarregar-se de todos os nossos processos psicológicos, o Senhor de perfeição sofre o indizível.

Convertido em homem entre os homens, tem de passar por muitas provas e suportar tentações indizíveis.

A tentação é fogo, o triunfo sobre a tentação é Luz.

O Iniciado deve aprender a viver perigosamente, assim está escrito. Isto o sabem os Alquimistas.

O Iniciado deve percorrer com firmeza a Senda do Fio da Navalha; de um e de outro lado do difícil caminho existem abismos espantosos.

## **A Grande Rebelião**

Na difícil senda da dissolução do Ego existem complexos caminhos que têm sua raiz precisamente no caminho real.

Obviamente, da Senda do Fio da Navalha se desprendem múltiplas sendas que não conduzem a nenhuma parte; algumas delas nos levam ao abismo e ao desespero.

Existem sendas que poderiam converter-nos em majestades de tais ou quais zonas do universo, mas que, de nenhum modo, nos trariam de regresso ao seio do Eterno Pai Cósmico Comum.

Existem sendas fascinantes, de santíssima aparência, inefáveis. Infelizmente só podem conduzir-nos à involução submersa dos mundos infernais.

No trabalho da dissolução do Eu precisamos nos entregar por completo ao Cristo Interior.

Às vezes aparecem problemas de difícil solução. De repente o caminho se perde em labirintos inexplicáveis e não se sabe por onde continua; somente a obediência absoluta ao Cristo Interior e ao Pai que está em segredo pode, em tais casos, nos orientar sabiamente.

A Senda do Fio da Navalha está cheia de perigos por dentro e por fora.

A moral convencional de nada serve; a moral é escrava dos costumes, da época, do lugar.

O que foi moral em épocas passadas agora resulta imoral; o que foi moral na idade Média, por estes tempos modernos pode resultar imoral. O que em um país é moral em outro país é imoral, etc.

No trabalho da dissolução do Ego acontece, às vezes, que quando pensamos que vamos muito bem, resulta que vamos muito mal.

As mudanças são indispensáveis durante o avanço esotérico, mas as pessoas reacionárias permanecem engarrafadas no passado; petrificam-se no tempo e trovejam e relampejam contra nós, à medida que realizamos avanços psicológicos profundos e mudanças radicais.

As pessoas não resistem às mudanças do Iniciado; querem que este continue petrificado em múltiplos ontens.

Qualquer mudança que o Iniciado realizar é classificada imediatamente

como imoral.

Olhando as coisas desde este ângulo, à luz do trabalho Crístico, podemos evidenciar claramente a ineficácia dos diversos códigos de moral que no mundo foram escritos.

Inquestionavelmente, o Cristo manifesto e, no entanto oculto no coração do homem real, ao encarregar-se de nossos diversos estados psicológicos, sendo desconhecido para as pessoas, é de fato qualificado como cruel, imoral e perverso.

Resulta paradoxal que as pessoas adorem ao Cristo e, entretanto, lhe atribuam tão horripilantes qualificativos.

Obviamente, as pessoas inconscientes e adormecidas, só querem um Cristo histórico, antropomórfico, de estátuas e dogmas inquebrantáveis, ao qual possam acomodar facilmente, todos os seus códigos de moral torpe e rançosa, e todos os seus preconceitos e condições.

As pessoas não podem conceber jamais ao Cristo Íntimo no coração do homem; as multidões só adoram ao Cristo estátua e isso é tudo.

Quando se fala às multidões, quando se lhes declara o cru realismo do Cristo revolucionário, do Cristo vermelho, do Cristo rebelde, imediatamente se recebe qualificativos como os seguintes: blasfemo, herege, malvado, profanador, sacrílego, etc.

Assim são as multidões, sempre inconscientes, sempre adormecidas. Agora compreenderemos por que o Cristo crucificado no Gólgota exclama com todas as forças de sua Alma: *“Meu Pai perdoa-os porque não sabem o que fazem!”*.

O Cristo em si mesmo sendo um, aparece como muitos. Por isso se disse que é unidade múltipla perfeita. Ao que sabe, a palavra dá poder; ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará, senão somente aquele que O tem encarnado.

Encarná-lo é o fundamental no trabalho avançado do eu pluralizado.

O senhor de perfeição trabalha em nós à medida que nos esforçamos conscientemente no trabalho sobre nós mesmos.

Resulta espantosamente doloroso o trabalho que o Cristo Íntimo tem

## **A Grande Rebelião**

que realizar dentro de nossa própria psique.

É verdade que nosso Mestre interior deve viver toda sua via-crúcis no fundo mesmo de nossa própria Alma.

Escrito está: A Deus rogando e com o malho dando. Também está escrito: Ajude-te que eu te ajudarei.

Suplicar à divina Mãe Kundalini é fundamental quando se trata de dissolver agregados psíquicos indesejáveis, porém o Cristo Íntimo nos recônditos mais profundos do mim mesmo, opera sabiamente de acordo com as próprias responsabilidades que ele coloca sobre seus ombros.

# Capítulo XXV

## O DIFÍCIL CAMINHO

Inquestionavelmente, existe um lado obscuro de nós mesmos que não conhecemos ou não aceitamos. Devemos levar a luz da Consciência a esse lado tenebroso de nós mesmos.

Todo o objeto de nossos estudos Gnósticos é fazer que o conhecimento de si mesmo se torne mais consciente.

Quando se tem muitas coisas em si mesmo que não se conhece nem se aceita, então tais coisas nos complicam a vida espantosamente, e provocam, na verdade, toda sorte de situações que poderiam ser evitadas mediante o conhecimento de si.

O pior de tudo isto é que projetamos esse lado desconhecido e inconsciente de nós mesmos em outras pessoas e então o vemos nelas.

Por exemplo: vêmo-las como se fossem embusteiras, infiéis, mesquinhas, etc., em relação com o que carregamos em nosso interior.

A Gnosis diz sobre este particular, que vivemos em uma parte muito pequena de nós mesmos. Isso significa que nossa Consciência se estende só a uma parte muito reduzida de nós mesmos.

A idéia do trabalho esotérico Gnóstico é a de ampliar claramente nossa própria Consciência.

Indubitavelmente, enquanto não estejamos bem relacionados conosco mesmos, tampouco estaremos bem relacionados com os outros e o resultado serão conflitos de toda espécie.

É indispensável chegarmos a ser muitíssimo mais conscientes para conosco mesmos mediante uma direta observação de si.

Uma regra geral no trabalho esotérico Gnóstico é que, quando não nos entendemos com alguma pessoa, pode-se ter a segurança de que esta é a própria coisa contra a qual é preciso trabalhar sobre si mesmo.

O que se critica tanto nos outros é algo que descansa no lado obscuro de si mesmo e que não se conhece, nem se quer reconhecer.

Quando estamos em tal condição, o lado obscuro de nós mesmos é muito grande, mas quando a luz da observação de si ilumina esse lado



## **A Grande Rebelião**

obsuro, a Consciência amplia mediante o conhecimento de si.

Esta é a Senda do Fio da Navalha, mais amarga que o fel. Muitos a iniciam, muito raros são os que chegam à meta.

Assim como a Lua tem um lado oculto que não se vê, um lado desconhecido, assim também acontece com a Lua Psicológica que carregamos em nosso interior.

Obviamente, tal Lua Psicológica está formada pelo Ego, o Eu, o mim mesmo, o si mesmo.

Nesta lua psicológica carregamos elementos inumanos que espantam, que horrorizam, e que de modo algum aceitaríamos ter.

Cruel caminho é este da Auto-realização Íntima do Ser. Quantos precipícios! Que passos tão difíceis! Que labirintos tão horríveis!

Às vezes, o caminho interior, depois de muitas voltas e viravoltas, subidas horripilantes e perigosíssimas baixadas, se perde em desertos de areia, não se sabe por onde segue e nem um raio de luz nos ilumina.

Senda cheia de perigos por dentro e por fora; caminho de mistérios indizíveis, onde somente sopra um hálito de morte.

Neste caminho interior quando a gente acredita que vai muito bem, em realidade vai muito mal.

Neste caminho interior quando a gente acredita que vai muito mal, acontece que marcha muito bem.

Neste caminho secreto existem instantes em que a gente já nem sabe que é o bom nem que é o mau.

O que normalmente se proíbe, às vezes resulta que é o justo; assim é o caminho interior.

Todos os códigos morais no caminho interior ficam sobrando; uma bela máxima ou um formoso preceito moral, em determinados momentos pode converter-se em um obstáculo muito sério para a Auto-realização Íntima do Ser.

Afortunadamente o Cristo Íntimo, desde o próprio fundo de nosso Ser, trabalha intensivamente, sofre, chora, desintegra elementos perigosíssimos que em nosso interior levamos.

O Cristo nasce como um menino no coração do homem, mas à medida que vai eliminando os elementos indesejáveis que levamos dentro, vai crescendo pouco a pouco até converter-se em um homem completo.

# Capítulo XXVI

## OS TRÊS TRAIADORES

No trabalho interior profundo, dentro do terreno da estrita auto-observação psicológica, temos que vivenciar de forma direta todo o drama cósmico.

O Cristo Íntimo há de eliminar todos os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos.

Os múltiplos agregados psíquicos em nossas profundidades psicológicas gritam pedindo crucificação para o Senhor Interior.

Inquestionavelmente, cada um de nós leva em sua psique aos três traidores.

Judas, o demônio do desejo; Pilatos, o demônio da mente; Caifás, o demônio da má vontade.

Estes três traidores crucificaram ao Senhor de Perfeições no fundo mesmo de nossa Alma.

Trata-se de três tipos específicos de elementos inumanos fundamentais no drama cósmico.

Indubitavelmente, o citado drama foi vivido sempre secretamente nas profundidades da Consciência superlativa do Ser.

Não é, pois, o drama cósmico, propriedade do Grande Kabir Jesus, como supõem sempre os ignorantes ilustrados.

Os Iniciados de todas as idades, os Mestres de todos os séculos, tiveram que viver o drama cósmico dentro de si mesmos, aqui e agora.

Porém Jesus, o Grande Kabir, teve o valor de representar tal drama íntimo publicamente, na rua e à luz do dia, para abrir o sentido da Iniciação a todos os seres humanos, sem diferenças de raça, sexo, casta ou cor.

É maravilhoso que haja alguém que de forma pública tenha ensinado o drama íntimo a todos os povos da terra.

O Cristo Íntimo, não sendo um luxurioso, tem que eliminar de si mesmo

## **A Grande Rebelião**

os elementos psicológicos da luxúria.

O Cristo Íntimo, sendo em si mesmo paz e amor, deve eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis da ira.

O Cristo Íntimo, não sendo um cobiçoso, deve eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis da cobiça.

O Cristo Íntimo, não sendo invejoso, deve eliminar de si mesmo os agregados psíquicos da inveja.

O Cristo Íntimo, sendo humildade perfeita, modéstia infinita, simplicidade absoluta, deve eliminar de si mesmo os asquerosos elementos do orgulho, da vaidade, da presunção.

O Cristo Íntimo, a palavra, o Logos Criador, vivendo sempre em constante atividade, tem que eliminar em nosso interior, em si mesmo e por si mesmo, os elementos indesejáveis da inércia, da preguiça, do estancamento.

O Senhor de Perfeição, acostumado a todos os jejuns, temperado, jamais amigo de bebedeiras e de grandes banquetes, tem que eliminar de si mesmo os abomináveis elementos da gula.

Estranha simbiose a do Cristo-Jesus e do Cristo-Homem. Estranha mescla do divino e do humano, do perfeito e do imperfeito. Prova sempre constante para o Logos.

O mais interessante de tudo isto é que o Cristo secreto é sempre um triunfador, alguém que vence constantemente às trevas, alguém que elimina às trevas dentro de si mesmo, aqui e agora.

O Cristo Secreto é o senhor da Grande Rebelião, rechaçado pelos sacerdotes, pelos anciões e pelos escribas do templo.

Os sacerdotes o odeiam, isto é, não o compreendem, querem que o Senhor de Perfeições viva exclusivamente no tempo de acordo com seus dogmas inquebrantáveis.

Os anciões, isto é, os moradores da terra, os bons donos de casa, a gente judiciosa, a gente de experiência, detesta o Logos, ao Cristo Vermelho, ao Cristo da Grande Rebelião, porque este sai do mundo de seus hábitos e costumes antiquados, reacionários e petrificados em muitos ontens.

## **Samael Aun Weor**

Os escribas do templo, os velhacos do intelecto, detestam o Cristo Íntimo porque este é a antítese do Anticristo, o inimigo declarado de toda essa podridão de teorias universitárias que tanto abunda nos mercados de corpos e de Almas.

Os três traidores odeiam mortalmente ao Cristo Secreto e o conduzem à morte dentro de nós mesmos e em nosso próprio espaço psicológico.

Judas, o demônio do desejo, troca sempre ao Senhor por trinta moedas de prata, isto é, por licores, dinheiro, fama, vaidades, fornicações, adultérios, etc.

Pilatos, o demônio da mente, sempre lava as mãos, sempre se declara inocente, nunca tem a culpa, constantemente se justifica frente a si mesmo e aos outros, procura evasivas, escapatórias para evitar suas próprias responsabilidades, etc.

Caifás, o demônio da má vontade, trai incessantemente ao Senhor dentro de nós mesmos. O Adorável Íntimo lhe dá o cajado para pastorear suas ovelhas, no entanto, o cínico traidor, converte o altar em leito de prazeres, fornicava incessantemente, adultera, vende os sacramentos, etc.

Estes três traidores fazem sofrer secretamente ao adorável senhor Íntimo sem compaixão alguma.

Pilatos o faz pôr coroa de espinhos em suas têmporas. Os malvados eus o flagelam, o insultam, o amaldiçoam no espaço psicológico íntimo, sem piedade de nenhuma espécie.

# CAPÍTULO XXVII

## OS EUS CAUSA

Os múltiplos elementos subjetivos que constituem o ego têm raízes causais.

Os eus causa estão vinculados às leis de Causa e Efeito. Obviamente, não pode existir causa sem efeito, nem efeito sem causa; isto é inquestionável, indubitável.

Seria inconcebível a eliminação dos diversos elementos inumanos que em nosso interior carregamos se não eliminássemos radicalmente as causas intrínsecas de nossos defeitos psicológicos.

Obviamente, os eus causa se encontram intimamente associados a determinadas dívidas kármicas.

Somente o arrependimento mais profundo e os respectivos negócios com os Senhores da Lei, podem nos dar a dita de obter a desintegração de todos esses elementos causais que de uma ou outra forma podem nos conduzir à eliminação definitiva dos elementos indesejáveis.

As causas intrínsecas de nossos erros certamente podem ser erradicadas de nós mesmos graças aos eficientes trabalhos do Cristo Íntimo.

Obviamente, os eus causa tendem a ter complexidades espantosamente difíceis.

Exemplos: um estudante esoterista poderia ser desiludido por seu instrutor e em seqüência tal neófito se tornaria cético. Neste caso concreto, o eu causa que originasse tal erro, só poderia ser desintegrado mediante o supremo arrependimento íntimo e com negociações esotéricas muito especiais.

O Cristo Íntimo dentro de nós mesmos trabalha intensivamente eliminando, a base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, todas essas causas secretas de nossos erros.

O Senhor de Perfeições deve viver em nossas íntimas profundidades

## **Samael Aun Weor**

todo o drama cósmico.

Alguém se assombra ao contemplar no mundo causal todas as torturas pelas quais passa o Senhor de Perfeições.

No mundo causal, o Cristo secreto passa por todas as amarguras indizíveis de sua Via-crúcis.

Indubitavelmente, Pilatos lava as mãos e se justifica, mas ao fim condena o adorável à morte na cruz.

Resulta extraordinário, para o Iniciado vidente, a ascensão ao calvário.

Indubitavelmente, a Consciência solar integrada com o Cristo Íntimo, crucificada na cruz majestosa do calvário, pronuncia frases terríveis que aos seres humanos não lhes é dado compreender.

A frase final: *“Meu Pai, em tuas mãos encomendo meu Espírito”*, vai seguida de raios e trovões e grandes cataclismos.

Posteriormente, o Cristo Íntimo, depois de despregado, é depositado em seu Santo Sepulcro.

Mediante a morte, o Cristo Íntimo mata a morte. Muito mais tarde no tempo, o Cristo Íntimo deve ressuscitar em nós.

Inquestionavelmente, a ressurreição Crística vem a nos transformar radicalmente.

Qualquer Mestre Ressurrecto possui poderes extraordinários sobre o fogo, o ar, as águas e a terra.

Indubitavelmente, os Mestres Ressurrectos adquirem a imortalidade, não somente psicológica, mas também corporal.

Jesus, o Grande Kabir, ainda vive com o mesmo corpo físico que teve na terra Santa; o Conde Saint Germain que transmutava o chumbo em ouro e fazia diamantes da melhor qualidade durante os séculos XV, XVI, XVII, XVIII, etc., vive ainda.

O enigmático e poderoso Conde Cagliostro que tanto assombrou a Europa com seus poderes durante os séculos XVI, XVII e XVIII, é um Mestre Ressurrecto e ainda conserva seu mesmo corpo físico.

# Capítulo XXVIII

## O SUPER-HOMEM

Um Código do Anáhuac disse: “*Os Deuses criaram aos homens de madeira e depois de havê-los criado os fusionaram com a divindade*”; mas, logo acrescenta: “*Nem todos os homens conseguem integrar-se com a divindade*”.

Inquestionavelmente, o primeiro que se necessita é criar o homem antes de poder integrá-lo com o real.

O animal intelectual equivocadamente chamado homem de modo algum é o homem.

Se nós compararmos o homem com o animal intelectual, poderemos então verificar por nós mesmos o fato concreto de que o animal intelectual embora fisicamente se pareça com o homem, psicologicamente é absolutamente distinto.

Infelizmente, todos pensam erroneamente, supõem ser homens, qualificam-se como tais.

Sempre acreditamos que o homem é o rei da criação; o animal intelectual até a presente data não demonstrou ser sequer rei de si mesmo; se não é rei de seus próprios processos psicológicos, se não pode dirigi-los à vontade, muito menos poderá governar a natureza.

De modo algum poderíamos aceitar ao homem convertido em escravo, incapaz de governar-se a si mesmo e convertido em juguete das forças bestiais da natureza.

Ou se é rei do universo ou não se é. No último destes casos, inquestionavelmente, fica demonstrado o fato concreto de não haver chegado ainda ao estado de homem.

Dentro das glândulas sexuais do animal intelectual o sol depositou os germens para o homem.

Obviamente, tais germens podem desenvolver-se ou perder-se

definitivamente.

Se quisermos que tais germens se desenvolvam, faz-se indispensável cooperar com o esforço que o sol está fazendo para criar homens.

O homem legítimo deve trabalhar intensivamente com o propósito evidente de eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos.

Se o homem real não eliminasse de si mesmo tais elementos, fracassaria lamentavelmente, se converteria em um aborto da Mãe Cósmica, em um fracasso.

O homem que verdadeiramente trabalhe sobre si mesmo com o propósito de despertar Consciência poderá integrar-se com o divino.

Evidentemente, o homem solar integrado com a divindade, converte-se de fato e por direito próprio em Super-homem.

Não é tão fácil chegar a Super-homem. Indubitavelmente, o caminho que conduz ao Super-homem está mais além do bem e do mal.

Uma coisa é boa quando nos convém e má quando não nos convém. Entre as cadências do verso também se esconde o delito. Há muita virtude no malvado e muita maldade no virtuoso.

O caminho que conduz ao Super-homem é a Senda do Fio da Navalha; esta Senda está cheia de perigos por dentro e por fora.

O mal é perigoso, o bem também é perigoso; o espantoso caminho está mais além do bem e do mal, é terrivelmente cruel.

Qualquer código de moral pode nos deter na marcha até o Super-homem. O apego a tais ou quais ontens, a tais ou quais cenas pode nos deter no caminho que chega até o Super-homem.

As normas, os procedimentos, por muito sábios que sejam, se se encontram enfrascados em tal ou qual fanatismo, em tal ou qual preconceitos, em tal ou qual conceito pode nos obstaculizar no avanço até o Super-homem.

O Super-homem conhece o bom do mau e o mau do bom; empunha a Espada da Justiça Cósmica e está mais além do bem e do mal.

O Super-homem tendo liquidado em si mesmo todos os valores bons e



## **A Grande Rebelião**

maus, converteu-se em algo que ninguém entende, é o raio, é a chama do Espírito Universal de Vida resplandecendo no rosto de um Moisés.

Em cada tenda do caminho algum anacoreta oferece suas dádivas ao Super-homem, mas este continua seu caminho mais além das boas intenções dos anacoretas.

O que disseram as pessoas sob o pórtico sagrado dos templos tem muita beleza, mas o Super-homem está além dos ditados piedosos das pessoas.

O Super-homem é o raio e sua palavra é o trovão que desintegra aos poderes do bem e do mal.

O Super-homem resplandece nas trevas, mas as trevas odeiam ao Super-homem.

As multidões qualificam ao Super-homem de perverso pelo fato mesmo de que não cabe dentro dos dogmas indiscutíveis, nem dentro das frases piedosas, nem dentro da sã moral dos homens sérios.

As pessoas detestam o Super-homem e o crucificam entre criminosos porque não o entendem, porque o prejudgam, olhando-o através da lente psicológica do que se crê santo, embora seja malvado.

O Super-homem é como a centelha que cai sobre os perversos ou como o brilho de algo que não se entende e que se perde depois no mistério.

O Super-homem nem é santo nem é perverso, está além da santidade e da perversidade; mas as pessoas o qualificam de santo ou de perverso.

O Super-homem brilha por um momento entre as trevas deste mundo e logo desaparece para sempre.

Dentro do Super-homem resplandece ardentemente o Cristo Vermelho, o Cristo revolucionário, o Senhor da Grande Rebelião.

# Capítulo XXIX

## O SANTO GRAAL

O Santo Graal resplandece na noite profunda de todas as idades. Os Cavaleiros da Idade Média na época das Cruzadas procuraram inutilmente o Santo Graal na terra Santa, mas não o encontraram.

Quando Abraão, o Profeta, voltava da guerra contra os reis de Sodoma e de Gomorra, dizem que encontrou a Melquisedeque, o Gênio da Terra. Certamente, esse grande Ser vivia em uma fortaleza localizada exatamente naquele lugar onde mais tarde se edificou a Jerusalém, a cidade querida dos Profetas.

Diz a lenda dos séculos, e isto sabem os divinos e os humanos, que Abraham celebrou a Unção Gnóstica com a divisão do pão e do vinho na presença de Melquisedeque.

Não é demais afirmar que então Abraham entregou a Melquisedeque os dízimos e primícias tal como está escrito no Livro da Lei.

Abraham recebeu das mãos de Melquisedeque o Santo Graal. Muito mais tarde no tempo esta taça foi parar no templo de Jerusalém.

Não há dúvida de que a Rainha de Sabá serviu de mediadora para este fato. Ela se apresentou ante o Rei Salomão com o Santo Graal e depois de submetê-lo a rigorosas provas, lhe fez entrega de tão apreciada jóia.

O Grande Kabir Jesus bebeu nessa taça na cerimônia sagrada da última ceia, tal como está escrito nos Quatro Evangelhos.

José de Arimatéia encheu o Cálice com o sangue que vertia das feridas do Adorável, no Monte das Caveiras.

Quando a polícia Romana invadiu a morada do citado Senador, não encontrou esta preciosa jóia.

O Senador Romano não só escondeu a tão preciosa jóia, como também, além disso, guardou junto com ela, sob a terra, a lança de Longibus com a

## **A Grande Rebelião**

qual o centurião Romano feriu o flanco do Senhor.

José de Arimatéia foi encarcerado em uma horrível prisão por não ter querido entregar o Santo Graal.

Quando o citado Senador saiu do cárcere partiu para Roma levando o Santo Graal.

Ao chegar a Roma, José de Arimatéia encontrou a perseguição de Nero contra os Cristãos e se foi pelas margens do Mediterrâneo.

Uma noite, em sonhos, lhe apareceu um Anjo e lhe disse: *“Este cálice tem um grande poder porque nele se encontra o sangue do Redentor do Mundo”*. José de Arimatéia, obedecendo a ordens do Anjo, enterrou tal cálice em um templo localizado em Montserrat, Catalunha, Espanha.

Com o tempo, tal cálice se fez invisível junto com o templo e parte da montanha.

O Santo Graal é o Vaso de Hermes, a taça de Salomão, a urna preciosa de todos os templos de mistérios.

Na Arca da Aliança não faltava nunca o Santo Graal na forma da taça ou gomor, dentro da qual se encontrava depositado o Maná do Deserto.

O Santo Graal alegoriza de forma enfática ao Yoni feminino, dentro desta Santa taça está o néctar da imortalidade, o Soma dos místicos, a suprema bebida dos Deuses Santos.

O Cristo Vermelho bebe do Santo Graal na hora suprema da Cristificação, assim está escrito no Evangelho do Senhor.

Nunca falta o Santo Graal no altar do templo. Obviamente, o Sacerdote deve beber o vinho da luz na Taça Santa.

Seria absurdo supor um templo de mistérios dentro do qual faltasse a bendita taça de todas as idades.

Isto vem a nos recordar a Ginebra, a Rainha dos Jinas, aquela que a Lancelot servia o vinho nas taças deliciosas de Sufra e de Manti.

Os Deuses imortais se alimentam com a bebida contida na Taça Santa; aqueles que odeiam à Bendita taça blasfemam contra o Espírito Santo.

O Super-homem deve alimentar-se com o néctar da imortalidade contido no cálice divinal do templo.

## **Samael Aun Weor**

Transmutação da energia criadora é fundamental quando se quer beber no cálice Santo.

O Cristo Vermelho, sempre revolucionário, sempre rebelde, sempre heróico, sempre triunfante, brinda pelos Deuses bebendo no cálice de ouro.

Levantai bem vossa taça e cuidai de não verter nem sequer uma gota do precioso vinho.

Recordai que nosso lema-divisa é Thelema (Vontade).

Do fundo do cálice, simbólica figura do órgão sexual feminino, brotam chamas que resplandecem no rosto aceso do Super-homem.

Os Deuses inefáveis de todas as galáxias bebem sempre da bebida da imortalidade no cálice eterno.

O frio lunar produz involuções no tempo; é necessário beber do vinho sagrado da luz no cálice santo da Alquimia.

A púrpura dos reis sagrados, a coroa real e o ouro flamígero só é para o Cristo Vermelho.

O Senhor do Raio e do Trovão empunha em sua mão direita o Santo Graal e bebe o vinho de ouro para alimentar-se.

Aqueles que derramam o Vaso de Hermes durante a cópula química, de fato se convertem em criaturas infra-humanas do submundo.

Tudo o que aqui temos escrito encontra plena documentação em meu livro intitulado *O Matrimônio Perfeito*.

# Índice

Capítulo I - A VIDA	5
Capítulo II - A CRUA REALIDADE DOS FATOS	8
Capítulo III - A FELICIDADE	13
Capítulo IV - A LIBERDADE	16
Capítulo V - A LEI DO PÊNDULO	20
Capítulo VI - CONCEITO E REALIDADE	25
Capítulo VII - A DIALÉTICA DA CONSCIÊNCIA	28
Capítulo VIII - O JARGÃO CIENTIFICISTA	32
Capítulo IX - O ANTICRISTO	36
Capítulo X - O EU PSICOLÓGICO	39
Capítulo XI - AS TREVAS	42
Capítulo XII - AS TRÊS MENTES	45
Capítulo XIII - MEMÓRIA-TRABALHO	50
Capítulo XIV - COMPREENSÃO CRIADORA	54
Capítulo XV - A Kundalini	57
Capítulo XVI - NORMAS INTELECTUAIS	60
Capítulo XVII - A FACA DA CONSCIÊNCIA	63
Capítulo XVIII - O PAÍS PSICOLÓGICO	66
Capítulo XIX - AS DROGAS	70
Capítulo XX - INQUIETAÇÕES	73
Capítulo XXI - MEDITAÇÃO	77
Capítulo XXII - RETORNO E RECORRÊNCIA	80
Capítulo XXIII - O CRISTO ÍNTIMO	84
Capítulo XXIV - TRABALHO CRÍSTICO	86
Capítulo XXV - O DIFÍCIL CAMINHO	90
Capítulo XXVI - OS TRÊS TRAIADORES	92
CAPÍTULO XXVII - OS EUS CAUSA	95
Capítulo XXVIII - O SUPER-HOMEM	97
Capítulo XXIX - O SANTO GRAAL	100

**Samael Aun Weor**



